

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

Mauro Dal Ponte Amado

**ESTUDO DAS FINANÇAS PESSOAIS – EDUCAÇÃO FINANCEIRA DE  
INGRESSANTES NA UNIVERSIDADE**

Porto Alegre  
2011

Mauro Dal Ponte Amado

**ESTUDO DAS FINANÇAS PESSOAIS – EDUCAÇÃO FINANCEIRA DE  
INGRESSANTES NA UNIVERSIDADE**

**Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Administrativas da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em Administração.**

**Orientador: Prof. André Luís Martinewski**

Porto Alegre  
2011

Mauro Dal Ponte Amado

**ESTUDO DAS FINANÇAS PESSOAIS – EDUCAÇÃO FINANCEIRA DE  
INGRESSANTES NA UNIVERSIDADE**

**Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Administrativas da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em Administração.**

Conceito final:

Aprovado em ..... de ..... de .....

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr.

---

Orientador – Prof. André Luís Martinewski

## **AGRADECIMENTOS**

Várias pessoas contribuíram de alguma forma na realização deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador, André Luís Martinewski, pelo apoio e compreensão nos momentos em que eu mais precisei e pela sua objetividade e prontidão na dedicação dispensada.

Aos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que abriram as portas das suas aulas para que eu pudesse aplicar o questionário de pesquisa deste trabalho.

Aos meus amigos, pelo apoio e incentivo.

E em especial, agradeço à minha namorada, Gabriela. Pelas suas observações, críticas, ajuda, apoio e incentivo em todas as partes deste trabalho.

## RESUMO

A Educação Financeira vem, cada vez mais, ocupando lugar de destaque nos meios onde a Educação, em todos os seus aspectos, é colocada em pauta, uma vez que as pessoas começam a se dar conta da sua importância. Este trabalho de conclusão tenta identificar, em alunos que estão ingressando na Universidade, o quanto possuem de conhecimento sobre o assunto de forma que consigam gerir seus recursos eficientemente sem contrair dívidas e de onde vem esse possível conhecimento procurando identificar o papel da escola nesse processo. Para isso, foi realizada uma pesquisa quantitativa em que os resultados obtidos identificam que os jovens possuem certos conhecimentos sobre o assunto, mas que são insuficientes para uma gestão financeira pessoal de qualidade e que a escola, como instituição de ensino de todos os cidadãos, tem pouca ou nenhuma influência na aquisição desse tipo de conhecimento. Espera-se que este estudo ressalte a importância que a Educação Financeira possui no sentido de tornar a vida das pessoas melhor, uma vida mais equilibrada na gestão do seu dinheiro controlando os impulsos de gastar sem critérios e objetivos e que suscite nas pessoas envolvidas com a Educação em todos os âmbitos a importância do seu ensino desde a infância nos currículos escolares.

**Palavras-chave:** finanças pessoais, educação financeira, educação, planejamento financeiro pessoal.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gênero.....	23
Figura 2 - Faixa etária .....	24
Figura 3 - Curso .....	24
Figura 4 - Curso .....	25
Figura 5 - Estado Civil .....	25
Figura 6 - Renda Pessoal.....	26
Figura 7 - Renda familiar.....	27
Figura 8 - Fonte de renda.....	28
Figura 9 - Com quem reside.....	29
Figura 10 - Grau de escolaridade.....	30
Figura 11 - Como se sentem em relação aos conhecimentos.....	31
Figura 12 - Fontes de conhecimento .....	31
Figura 13 - Como acompanham as despesas.....	32
Figura 14 - Liquidez.....	33
Figura 15 - Risco e preferências de investimento .....	34
Figura 16 - Juros compostos.....	35
Figura 17 - Aposentadoria .....	36
Figura 18 - Salário na Ativa Vs. Aposentadoria.....	37
Figura 19 - Consumo.....	38
Figura 20 - Doação.....	40
Figura 21 - Despesas financeiras.....	41
Figura 22 - Despesas financeiras - caso pessoal.....	42
Figura 23 - Custo do dinheiro .....	43
Figura 24 - Custo do dinheiro - caso pessoal .....	44
Figura 25 - Dívida.....	45
Figura 26 - Alocação dos recursos.....	46

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Curso X Alocação de Recursos.....	48
Tabela 2 - Curso X Segurança em relação aos conhecimentos.....	48
Tabela 3 - Gênero X Risco .....	49

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ABECS – Associação Brasileira de Cartões de Crédito e Serviço

SPC – Serviço de Proteção ao Crédito

FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais

BM&F BOVESPA – Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo

CVM – Comissão de Valores Mobiliários

BC – Banco Central

SUSEP – Superintendência de Seguros Privados

PREVIC – Superintendência Nacional de Previdência Complementar



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>11</b>
<b>3. REVISÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
3.1 O Apelo ao Consumo .....	12
3.2 O Crédito e a Estabilidade Econômica .....	13
3.3 Papel dos Pais e da Escola .....	14
3.4 Educação Financeira nos Estados Unidos – Estudos Empíricos.....	15
3.5 Educação Financeira no Brasil .....	16
<b>4 OBJETIVOS .....</b>	<b>19</b>
4.1 OBJETIVO GERAL.....	19
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
<b>5 METODOLOGIA DE ESTUDO .....</b>	<b>20</b>
5.1 Pré-Teste.....	20
5.2 Amostra da Pesquisa .....	21
5.3 Coleta de Dados .....	22
<b>6 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>23</b>
6.1 ANÁLISE DE UMA VARIÁVEL.....	23
<b>6.1.1 Perguntas sobre o tema da pesquisa aos entrevistados.....</b>	<b>30</b>
6.2 ANÁLISE BIVARIADA .....	47
6.3 ANÁLISE GERAL.....	50
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA .....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Quantas pessoas já não passaram por uma situação ou presenciaram momentos como crianças berrando, esperneando, querendo enlouquecidamente algum item localizado à sua altura na prateleira do supermercado? Quem ainda não se deparou com crianças convencendo seus pais a comprarem produtos totalmente supérfluos ou desnecessários? Muitos pais comprometem sua renda familiar em função dos pedidos desenfreados de seus queridos filhos.

Lidar com dinheiro não é fácil nem para os adultos. Ganhar dinheiro é muito difícil, por outro lado, gastar é muito fácil. Ofertas, promoções, desejos provocados pelas propagandas, sonhos de consumo, despesas de última hora ou situações emergenciais já consumiram a poupança de muitas famílias. E isso tudo - é importante que seja percebido - cabe à administração de adultos. Imagine o que acontece quando adolescentes e jovens começam a receber um dinheiro mensalmente, seja mesada ou mesmo um salário.

A Educação Financeira tradicionalmente cabe às famílias, às escolas fica reservada a função de reforçar a formação que o aluno adquire em casa; contudo, não é fácil para os pais ensinarem aos filhos como lidar com o dinheiro, até porque, muitas vezes, nem eles mesmos sabem como gerir seus recursos. Nesse contexto, sendo a escola uma instituição que tem por função educar, torna-se decisivo seu papel na educação financeira das crianças, uma vez que os pais estão impotentes nessa função.

O problema é que, às vezes, o assunto não é tratado nem por uma parte nem por outra e as consequências disso são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões tanto na vida do cidadão, quanto na do país. No Brasil, algumas escolas começam a se dar conta da importância de educar financeiramente desde cedo, mas a sua prática ainda é muito incipiente e os seus benefícios desconhecidos.

Diante desse cenário, fica o seguinte questionamento: o quanto alunos que estão ingressando no mundo acadêmico têm de conhecimento sobre Educação Financeira e de onde vem esse possível conhecimento?

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

A educação financeira, apesar de não ser vista como algo importante pela sociedade em geral, é muito relevante na vida das pessoas, uma vez que torna a vida melhor, uma vida mais próxima da família, dos amigos, do trabalho, dos estudos, enfim, uma vida mais equilibrada para controlar o impulso de gastar sem critérios e objetivos.

A Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2004, aponta que 85% das famílias brasileiras têm algum grau de dificuldade para chegar ao final do mês com o rendimento familiar. Como pode ser notado, a grande maioria das pessoas não consegue se organizar financeiramente o bastante para evitar ter que tomar dinheiro emprestado de terceiros. Esse fenômeno se torna ainda mais grave quando quem contrai a dívida está na faixa etária entre 14 e 21 anos. No primeiro semestre de 2010, em São Paulo, a parcela de não pagadores com até 20 anos dobrou em relação a 2009: foi de 4% para 8%. Em 2000, esses jovens eram apenas 2% dos inadimplentes, informa o Instituto de Economia Gastão Vidigal, da Associação Comercial de São Paulo.

Frente a esse problema, o presente estudo procura identificar a origem, as bases que faltam como sustento de uma educação voltada para uma vida saudável financeiramente, ou seja, o papel da família e, principalmente, o da escola nessa função. O conhecimento gerado busca voltar a atenção da população para a necessidade de uma educação sólida e contínua, inserida desde cedo no ambiente escolar, que promova às pessoas, no futuro, uma vida mais harmoniosa.

Os resultados desta pesquisa buscam servir também para suscitar a preocupação, por parte de quem representa o povo nas suas necessidades, com essa importante questão que, de um ponto de vista mais abrangente, tem um papel crucial no desenvolvimento de uma economia mais próspera.

### 3. REVISÃO TEÓRICA

#### 3.1 O Apelo ao Consumo

O questionamento acerca da diferença que pode fazer a educação financeira na base da formação intelectual das pessoas, ou seja, na escola, se torna pertinente para a sociedade, uma vez que economia brasileira alcança a estabilidade, com uma inflação sob controle, fazendo com que as classes sociais se aproximem resultando em mais poder de compra e opções de consumo mais sofisticadas e variadas.

Segundo Kantar Worldpanel, empresa internacional de consultoria especializada em investigações de consumo domiciliar, em 2009 as famílias brasileiras constituídas por jovens entre 12 e 19 anos estariam com um déficit orçamentário mensal superior a 5%, enquanto que os lares sem jovens dessa faixa etária conseguiriam poupar mais de 5% dos rendimentos. Quando comparada com a média do país, essa categoria (que representa 36% do total) gastaria 43% a mais com itens de vestuário e cerca de 10% adicionais com comunicação (telefone e internet), alimentação fora de casa, bebidas e consumo social (saídas com os amigos). A renda e as despesas dessa fração suplantariam as das demais em 6% e 20%, respectivamente.

Ainda segundo a Kantar Worldpanel, o perfil de gastos dos jovens é dominado por roupas e produtos de embelezamento (30% das despesas totais), pois a preocupação com a aparência é elevada nessa idade, e alimentação em lanchonetes e shoppings (20%). O mais grave, porém, é que existem fortes indícios de que o consumo desenfreado dos jovens, mais por objeto de desejo e menos por necessidade concreta, seria um dos principais responsáveis pelo ciclo de endividamento e inadimplência maximizado no país em 2009.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Adolescentes puxam endividamento familiar. Exclusivo online. Disponível em <<http://www.exclusivo.com.br/Noticias/57789/Adolescentes-puxam-endividamento-familiar.eol>> Acesso em: 13/5/2011.

### 3.2 O Crédito e a Estabilidade Econômica

O economista Gilmar Mendes Lourenço<sup>2</sup> explica que o vigoroso incremento do consumo, verificado no Brasil desde 1994, resulta de modificações no país, como a abertura comercial, o encaixe na globalização produtiva e financeira, a desinflação trazida pelo plano real, a instituição do crédito consignado, a política de valorização do salário mínimo e a proliferação dos programas públicos de transferência de renda. Mais precisamente, deflagrou-se um processo de restauração do poder aquisitivo dos rendimentos que, gradualmente, resultou na superação da demanda reprimida por bens essenciais e não essenciais, subjacente a movimentos de ascensão social.

Em um cenário como esse, de recuperação econômica e disseminação das facilidades de crédito e do uso de cartões de crédito, os jovens viraram alvo fácil das grandes redes de varejo e das financeiras, viabilizando o retorno para as enormes cifras aplicadas por estas em publicidade e propaganda. O Brasil, segundo a ABECS (Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços), ocupa o 3º lugar no ranking mundial de volume de cartões, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Trata-se de um campo fértil para o uso indiscriminado dessa modalidade de operação, que deveria ser reservada para o pagamento de compras de maior valor, ou para as quais não são concedidos descontos à vista. De acordo com a ABECS, a população com idade entre 12 e 17 anos responde por 12% do mercado. Não por acidente, conforme o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), 6% dos menores de 21 anos estariam com o seu nome incluído no cadastro de inadimplentes, situação que só não se agrava devido à ajuda familiar.

Em se tratando de crédito, Ricardo Loureiro, presidente da SERASA, expõe que o crédito por si só não é algo negativo, pelo contrário, o fato de haver cada vez mais pessoas usufruindo do crédito é muito positivo, porque se traduz em melhor qualidade de vida, aquisição da casa própria, educação e realização pessoal e

---

<sup>2</sup> LOURENÇO, Gilmar Mendes. Os Jovens e o Endividamento Familiar. <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/conteudo.phtml?tl=1&id=973939&tit=Os-jovens-e-o-endividamento-familiar>. Acesso em: 13/11/2010.

familiar. De acordo com a empresa de consultoria Ernst & Young, o Brasil já é o sétimo principal mercado consumidor do planeta, com a perspectiva de ser o quinto<sup>3</sup>. É por causa do crédito que o país é o segundo mercado mundial em aquisição de forno microondas, o quinto em computadores pessoais, o sexto em números de passageiros de cruzeiros marítimos, entre outros destaques. No entanto, essa dinâmica do crédito só é possível com o risco dimensionado e bem gerenciado, fatores que promovem a qualidade do crédito e a boa gestão dos recursos pessoais. No caso oposto, em que o risco não é mensurado e não há sua gerência eficaz, a cobrança de juros elevados, executada pelos bancos para aqueles que não pagam o valor total das faturas, acaba resultando em problemas de endividamento.

### 3.3 Papel dos Pais e da Escola

Vivemos em constantes mudanças e transformações no contexto sócio-político-econômico e tecnológico. Os pais se deparam com inúmeros desafios para educar seus filhos, em meio ao consumo, e têm outra tarefa na arte de educar: a de vencer o fato de falar sobre dinheiro para os filhos, pois este ainda continua sendo um assunto tabu. Considera-se que exercer a paternidade nos dias de hoje é um exercício contínuo de tentativas, com acertos e erros, que requer conhecimentos e apoio, para se obter a compreensão das necessidades e desejos dos filhos frente aos apelos do marketing. A educação financeira é, portanto, a melhor maneira de os pais orientarem seus filhos sobre o modo como lidar com dinheiro.

Segundo Manfredini (2007), a educação financeira pode ser realizada por meio de técnicas e estratégias na família, na escola, na comunidade, na religião e nos meios de comunicação, pois esses são os ambientes em que toda criança pode circular ao longo de sua vida. Assim, nesses espaços, pode aprender, de forma implícita ou não, a maneira de lidar com o dinheiro. Educar para aprender a usar o dinheiro relaciona-se também com as implicações éticas e morais que o dinheiro

---

<sup>3</sup> Ernst & Young Terco. Série traz projeções sobre Brasil de 2030 em cinco setores. Disponível em: <<http://www.ey.com/BR/pt/Issues/Driving-growth>> Acesso em: 29/5/2011.

pode envolver. A questão ética deve ser observada em uma educação que proporcione consciência para usar o dinheiro sem subornos e sem desmoralizar as pessoas, sendo esta uma forma de exercer a cidadania, respeitando-se o espaço público e privado de uma sociedade.

### 3.4 Educação Financeira nos Estados Unidos – Estudos Empíricos

Nos Estados Unidos, percebemos uma grande quantidade de sites e instituições envolvidos no processo de educação financeira e, segundo Bernheim, Garrett e Maki (1997), no país, 29 estados — do total de 50 estados e um distrito — entre 1957 e 1985, tornaram a educação financeira obrigatória nas escolas secundárias com o objetivo de preparar os jovens para a vida adulta. Percebe-se, portanto, a inclusão da educação financeira no sistema de ensino nos Estados Unidos e, também, o envolvimento das instituições governamentais, financeiras e de organizações do terceiro setor. Lá, muitos estudos já foram desenvolvidos sobre a educação financeira.

Como se pode alcançar um bom gerenciamento de crédito e dos recursos em geral? Através de uma sólida educação financeira. Segundo Mandell (2006), educação financeira é a habilidade das pessoas em tomar decisões financeiras para os seus interesses no curto e no longo prazo. Nos Estados Unidos, em Chicago, com o intuito de verificar o impacto de intervenções no conhecimento de estudantes do “Middle School” (equivalente ao Ensino Fundamental brasileiro) sobre a importância de poupar, foram sorteadas dez escolas. Em cada uma das escolas vídeos foram apresentados com atores atuando e interagindo com os jovens, criando situações comuns do dia a dia deles para exemplificar e ensinar o quanto é importante poupar. Os resultados mostraram, através de um pré-teste e um pós-teste, que houve um significativo aumento no conhecimento dos estudantes na área da poupança, sobretudo aqueles que estavam em séries mais avançadas.



Em 2010, outro estudo foi realizado por Carlin e Robinson, e desta vez alunos de high school (equivalente ao ensino médio) foram submetidos a um programa de “alfabetização” financeira. Os resultados encontrados demonstraram que a educação financeira ensina pelos menos duas coisas: alunos expostos ao programa de educação financeira tomam melhores decisões financeiras – a comparação de estudantes antes e depois do treinamento indica claramente melhor sofisticação financeira e maiores poupanças após o curso; e também ajudam a fazer melhor uso das informações que nos rodeiam – os estudantes que se submeteram ao treinamento agiram de acordo com os conselhos transmitidos.

### 3.5 Educação Financeira no Brasil

No Brasil, em menor proporção, Kern, Marchi e Dullius (2009) realizaram uma pesquisa. O trabalho foi realizado com uma turma do 3º ano do ensino médio e teve por objetivo refletir sobre a importância da inclusão de Educação Financeira na escola pública, como uma proposta que contribua em preparar cidadãos para a vida, para que possam agir de forma adequada, saudável e com responsabilidade diante de situações relacionadas com assuntos do “mundo financeiro” dos alunos.

Proporcionou-se conhecer e aplicar conceitos que faziam parte de seu dia a dia estudando sobre ideias de pensadores da educação e outros que também já vêm trabalhando com esse tema, bem como das opiniões de oito alunos entrevistados no final da prática, como suporte para ajudar na reflexão.

Conhecer a comunidade escolar, considerar suas necessidades, procurar contextualizar as atividades serão tentativas de se poder realizar uma proposta que inclua assuntos relacionados com Educação Financeira. Desta forma, cada escola, se desejar trabalhar com uma prática interdisciplinar, deverá passar por uma transformação pedagógica, caso não seja a prática adotada pela escola.

Os resultados apontam que a inclusão de Educação Financeira é uma necessidade social, que possibilitará aos alunos refletir sobre os seus problemas financeiros, a forma como realizam os seus planejamentos, a forma como estão fazendo as suas escolhas e que objetivos eles têm para suas vidas, seu futuro, de modo que eles possam se sentir incluídos como cidadãos.

Apesar de estudos como esse terem sido feitos, no país ainda são poucos os estudos no sentido de mensurar diferenças entre os alunos que têm lições de educação financeira daqueles que não têm. E pior, a matemática financeira e os juros compostos só são ensinados na universidade, apesar de o conteúdo ser mais simples do que aspectos da álgebra e da trigonometria, que estão no currículo do ensino médio. Apesar disso, as pessoas aqui começam a se dar conta da importância do assunto na formação das pessoas e no desenvolvimento do país.

Nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Tocantins, Ceará e do Distrito Federal, 450 escolas públicas iniciaram, no ano de 2010, aulas do projeto-piloto de educação financeira, que pretende chegar a mais de 200 mil instituições de ensino oficial com o fim de erradicar o analfabetismo financeiro no país. O projeto é iniciativa de entidades do mercado de capitais como Febraban, Anbima e BM&FBovespa e dos reguladores CVM, BC, Susep e Previc, que traçaram uma estratégia nacional de educação financeira, com supervisão do Ministério da Educação<sup>4</sup>. Isso evidencia a força com que o assunto está sendo tratado aqui no Brasil também.

Nesse sentido, a Junior Achievement, uma organização criada nos Estados Unidos e com forte atuação no Brasil em educação prática em economia e negócios, vem alcançando bons resultados. Com seus programas e iniciativas dentro das escolas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, ela desperta nas crianças e adolescentes o espírito empreendedor e proporciona uma visão clara do funcionamento da economia e do mundo dos negócios tornando esses jovens

---

<sup>4</sup> 450 escolas públicas darão aulas de educação financeira. Portal Exame. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/alunos-ensino-medio-450-escolas-publicas-terao-aulas-educacao-financeira-584767>> Acesso em: 22/5/2011.

protagonistas do mundo onde vivem e preocupados com o desenvolvimento não só deles próprios como do seu país. Desde 1994, quando a organização começou no estado do Rio Grande do Sul, até o final de 2010, mais de 670 mil alunos tiveram a oportunidade de passar por essa experiência de crescimento profissional e aprendizado.<sup>5</sup>

A ideia é que a solução para evitar ou ao menos combater o endividamento precoce dos jovens passa pela educação financeira, produzida em ambientes públicos e privados. Em ambas as esferas, pensa-se que a incorporação de disciplinas atreladas ao planejamento orçamentário e às finanças domésticas nas matrizes curriculares do ensino fundamental e médio se mostra um caminho.

---

<sup>5</sup> Junior Achievement. Disponível em: <<http://www.jabrasil.org.br/rs/>> Acesso em: 12/6/2011.

## 4 OBJETIVOS

O presente trabalho busca atingir os seguintes objetivos:

### 4.1 OBJETIVO GERAL

Identificar o grau de conhecimento sobre educação financeira de alunos ingressantes no mundo acadêmico e qual é a fonte desse possível conhecimento.

### 4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir conceitos centrais da educação financeira como poupança, investimento, consumo, juros, planejamento;
- Avaliar o modo com o qual os jovens exercem a gestão dos seus recursos;
- Identificar o grau de conhecimento de jovens que estão cursando o primeiro semestre sobre o assunto Educação Financeira;
- Identificar possíveis modificações curriculares e inserção de disciplinas que instiguem a educação financeira nos jovens desde a escola.

## 5 METODOLOGIA DE ESTUDO

Segundo Richardson (1999), método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos.

Para atingir os objetivos do trabalho será realizada uma pesquisa quantitativa de caráter descritivo. Conforme Richardson (1999), o método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como o percentual e a média. Para corroborar o método de pesquisa escolhido, Roesch (1996) afirma que se o propósito é obter informações sobre determinada população como contar quantos, ou em que proporção seus membros tem certa opinião ou característica ou que frequência certos eventos estão associados, a opção é o uso de um estudo descritivo.

Considerando o caráter descritivo, o trabalho se propôs a obter informações de determinada população, como e o quanto os indivíduos conhecem o assunto estudado bem como com que frequência certos elementos estão interligados.

### 5.1 Pré-Teste

Segundo Malhotra (2001), o pré-teste se refere ao teste do questionário em uma pequena amostra de entrevistados, com o objetivo de identificar e eliminar problemas potenciais. Sendo assim, procurou-se testar todos os aspectos dos questionários, ou seja, conteúdo da pergunta, o enunciado, a sequência, o formato, o layout, as dificuldades e instruções.

O pré-teste foi realizado em uma amostragem de sete pessoas. Essas sete pessoas foram instruídas a responderem o questionário de forma totalmente crítica, atentando não somente para o conteúdo das perguntas, mas também para todos os aspectos salientados por Malhotra (2001).

Levando em consideração todas as informações obtidas na realização do pré-teste, chegou-se ao modelo de questionário utilizado no presente estudo.

## 5.2 Amostra da Pesquisa

Usualmente, como informa Roesch (1996), os levantamentos são usados com grandes populações. No entanto, dependendo do tamanho da população, do tempo dos entrevistadores, custos e etc. faz-se necessário extrair uma parcela desta população para investigar. Malhotra (2001) explica que o planejamento de uma amostragem começa com a especificação da população-alvo que possui a informação procurada pelo pesquisador e sobre a qual devem ser feitas inferências.

Conforme Richardson (1999), os elementos que formam a amostra relacionam-se intencionalmente de acordo com certas características estabelecidas no plano e nas hipóteses formuladas pelo pesquisador. Se o plano possuir características que definam a população, é necessário assegurar a presença do sujeito-tipo. Por isso foi escolhida a amostra intencional ou de seleção racional. Portanto, para a composição da amostra desta pesquisa, utilizou-se o seguinte critério: ser ingressante na Universidade, ou seja, estar cursando o primeiro semestre na faculdade.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em alunos cursando o primeiro semestre de cinco cursos bem diferentes quanto ao seu conteúdo – Administração, Arquitetura e Urbanismo, Pedagogia, Psicologia e Publicidade e Propaganda – a fim de que o resultado da pesquisa atingisse realmente o objetivo do trabalho.

Desse modo, pelo tempo determinado e pelo número de entrevistados que foi possível, chegou-se a um número de amostragem de 119 alunos ingressantes no mundo acadêmico.

### 5.3 Coleta de Dados

A pesquisa utilizou, predominantemente, perguntas fechadas e eventualmente perguntas abertas a fim de analisar, através de situações hipotéticas, o nível de conhecimento dos entrevistados.

Conforme Richardson (1999), o método de escolhas hipotéticas surge como o mais simples procedimento através do qual um grande número de questões teóricas pode ser investigado. A utilização desse método é justificada porque geralmente as pessoas sabem como se comportariam em situações de escolhas e também por levar em consideração que os entrevistados não têm razões para esconder suas preferências, pois não é necessária a identificação.

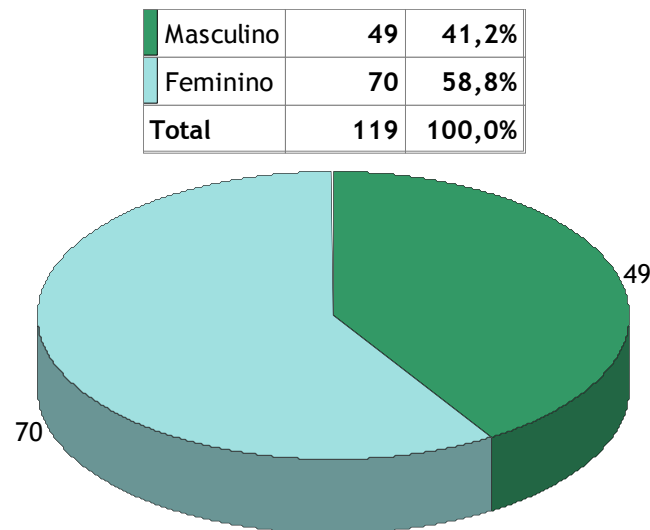
## 6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada. Para a análise dos dados foi utilizado o software Sphinx. As análises serão apresentadas em três divisões: análise de uma variável, análise cruzada e análise geral.

### 6.1 ANÁLISE DE UMA VARIÁVEL

#### Perfil dos entrevistados

A figura 1 mostra a caracterização por sexo dos entrevistados:



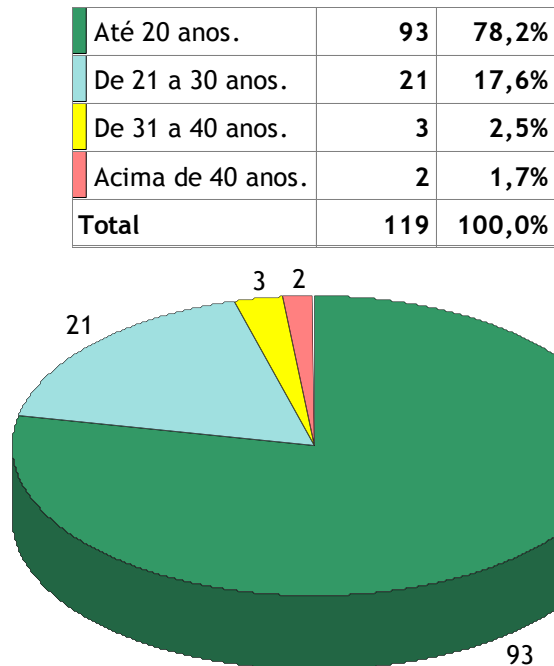
**Figura 1 - Gênero**

A amostra é composta por pessoas do sexo masculino e feminino de forma bastante igual, com predominância das mulheres em 58,8%. Isso reflete o avanço do número de mulheres em relação aos homens no meio das universidades no Brasil<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> JORNAL DA CIÊNCIA. A Trajetória da Mulher na Educação Brasileira. Disponível em <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=35742>. Acesso em 22/05/2011.



A figura 2 apresenta a faixa etária dos entrevistados:



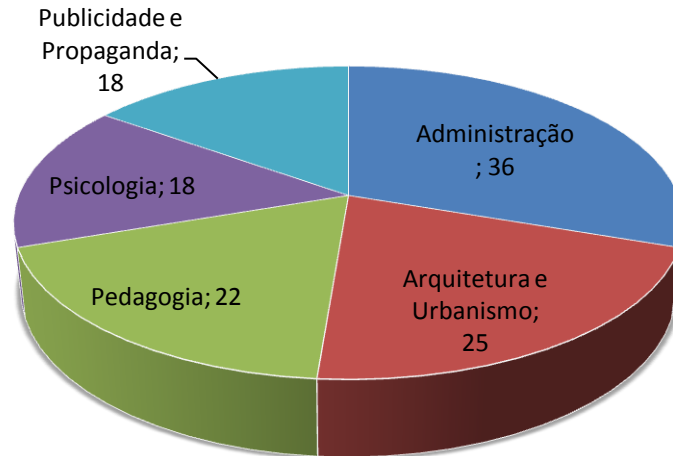
**Figura 2 - Faixa etária**

Percebe-se que a grande maioria dos entrevistados tem idade inferior a vinte anos: 78,2%. As pessoas que têm idade de vinte e um a trinta anos também são representativas, mas em menor proporção: 17,6% dos entrevistados. Esse resultado é bastante óbvio, pois conforme relatado anteriormente a amostra da pesquisa se focou em pessoas que estão ingressando na Universidade, portanto são jovens nessa faixa etária. Ainda mais considerando que a idade média que as pessoas estão acabando o Ensino Médio é entre dezesseis e dezessete anos.

A figura 3 mostra o que o entrevistado está cursando na faculdade:

Administração	36	30,3%
Arquitetura e Urbanismo	25	21,0%
Pedagogia	22	18,5%
Psicologia	18	15,1%
Publicidade e Propaganda	18	15,1%
<b>TOTAL</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>

**Figura 3 - Curso**

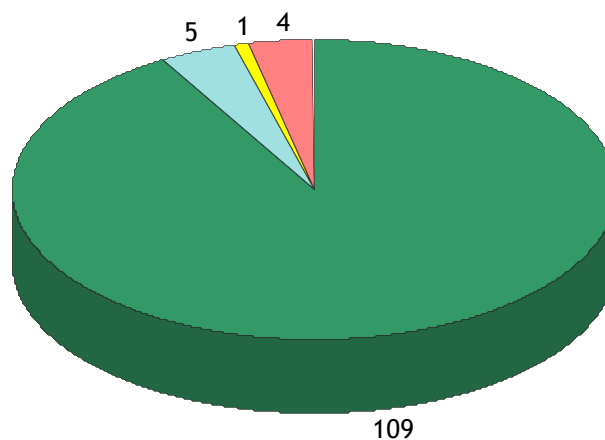


**Figura 4 - Curso**

Nota-se que a distribuição entre os cursos onde foi aplicada a pesquisa está bem distribuída. Esses cursos foram escolhidos por conveniência, uma vez que suas unidades, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, se encontram relativamente próximas uma das outras e também porque os professores se mostraram totalmente acessíveis para a realização do trabalho.

A figura 5 mostra o estado civil dos entrevistados:

Solteiro	109	91,6%
Casado / União Estável	5	4,2%
Separado / Divorciado	1	0,8%
Outros	4	3,4%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>

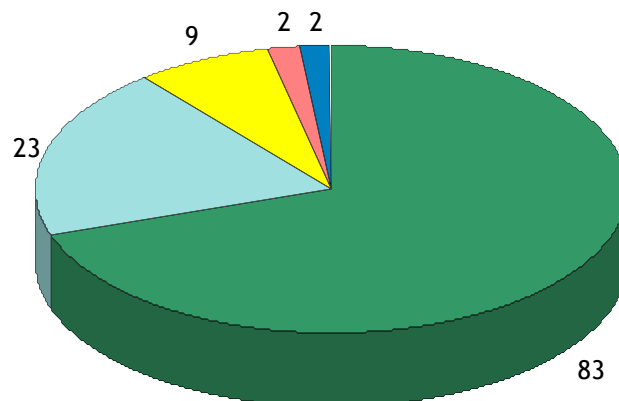


**Figura 5 - Estado Civil**

É evidente, observando-se o gráfico do estado civil dos entrevistados, que os solteiros sobressaíram totalmente em relação aos outros estados civis. Como foram entrevistados somente alunos cursando o primeiro semestre da faculdade, com faixa etária entre os 17 e 22 anos, grande parte deles ainda está namorando ou está realmente sozinho, o que contribui para se organizar e se educar financeiramente antes de começar uma vida a dois, por exemplo.

A figura 6 mostra a renda pessoal de cada entrevistado:

Até R\$ 500,00	83	69,7%
R\$ 500,01 até R\$ 1.000,00	23	19,3%
R\$ 1.000,01 até R\$ 1.500,00	9	7,6%
R\$ 1.500,01 até R\$ 2.500,00	2	1,7%
Acima de R\$ 2.500,00	2	1,7%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>

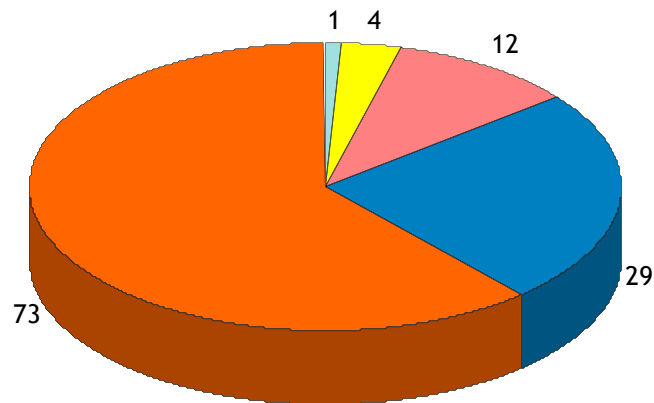


**Figura 6 - Renda Pessoal**

Levando em consideração que os entrevistados são jovens que estão iniciando sua vida acadêmica e profissional, na sua maioria sustentados pelos pais, como veremos mais adiante, é natural que a renda pessoal de 69,7% dos entrevistados não ultrapasse os R\$ 500,00, ainda que 30,3% receba mais que isso mensalmente.

A figura 7 mostra a renda familiar dos entrevistados:

Até R\$ 500,00	0	0,0%
R\$ 500,01 até R\$ 1.000,00	1	0,8%
R\$ 1.000,01 até R\$ 1.500,00	4	3,4%
R\$ 1.500,01 até R\$ 2.500,00	12	10,1%
R\$ 2.500,01 até R\$ 4.000,00	29	24,4%
Acima de R\$ 4.000,00	73	61,3%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



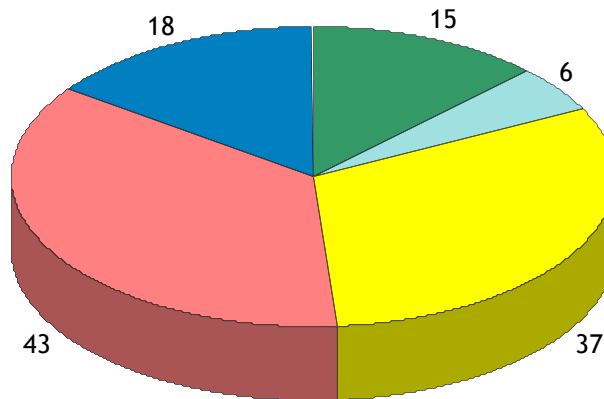
**Figura 7 - Renda familiar**

Aqui a situação se inverte. 61,3% dos entrevistados responderam ser pertencentes a famílias com renda superior a R\$ 4.000,00, ou seja, famílias que pertencem à classe B ou A. Enquanto o restante dos entrevistados pertence às classes C e D<sup>7</sup>.

A figura 8 mostra a principal fonte de renda dos entrevistados:

<sup>7</sup> Consumidores, Produtos e a Nova Classe Média. Disponível em: <[http://www3.fgv.br/ibrecps/cpc/CPC\\_apresentacao\\_fim\\_I\\_PA2.pdf](http://www3.fgv.br/ibrecps/cpc/CPC_apresentacao_fim_I_PA2.pdf)> Acesso em: 23Maio, 2011.

Bolsa do Estágio.	15	12,6%
Salário do emprego com carteira assinada.	6	5,0%
Mesada.	37	31,1%
Meus pais me dão dinheiro quando preciso.	43	36,1%
Outros. Cite:	18	15,1%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>

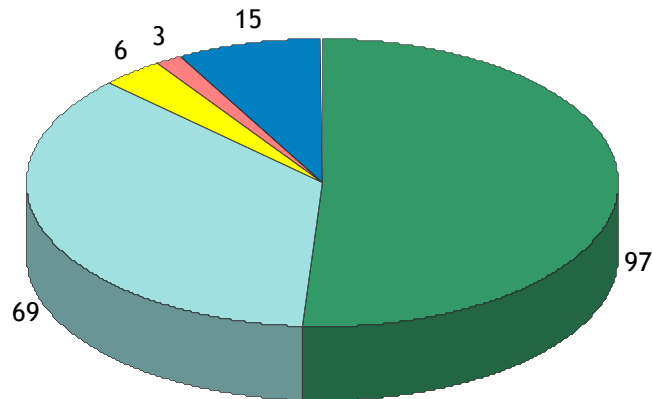


**Figura 8 - Fonte de renda**

Em relação à principal fonte de renda, verificaram-se respostas bastante diversificadas. No entanto, as duas respostas que prevaleceram foram “Meus pais me dão dinheiro quando preciso” e “Mesada”, somando juntas 67,2%. Por se tratarem de jovens que ainda estão se aperfeiçoando e aprendendo, é natural que a fonte de renda ainda não venha de salários e nem de bolsa de estágio (12,6%), pois em algumas faculdades não é nem permitido estagiar no primeiro semestre uma vez que o estudante ainda não sabe o mínimo da profissão para receber responsabilidades compatíveis.

A figura 9 mostra com quem residem os entrevistados:

Pais	97	51,1%
Irmão(s) e/ou Irmã(s)	69	36,3%
Cônjuge/Namorado(a) / Companheiro(a)	6	3,2%
Filhos	3	1,6%
Outros	15	7,9%
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>100,0%</b>

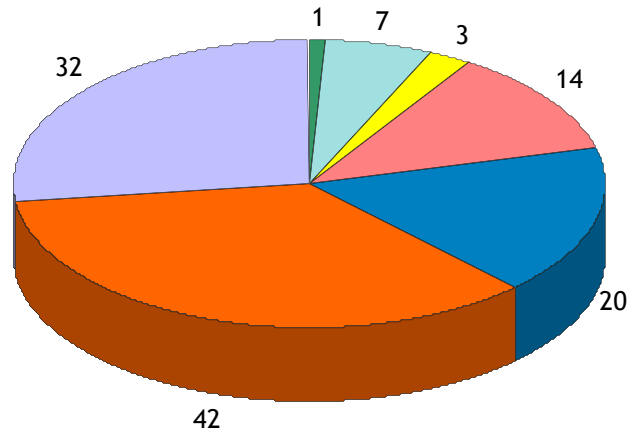


**Figura 9 - Com quem reside**

Grande parte dos entrevistados ainda vive com seus pais e irmãos e poucos vivem sozinhos, caso de quem respondeu “Outros”, 7,9%. Muitas vezes o que inicia – ou até mesmo obriga – a pessoa a se educar financeiramente é o fato de ter que sustentar sozinho, pagar as contas da casa, enfim, ter que manter um patrimônio.

A figura 10 mostra o maior grau de escolaridade dos pais dos entrevistados:

Ensino Fundamental Incompleto	1	0,8%
Ensino Fundamental Completo	7	5,9%
Ensino Médio Incompleto	3	2,5%
Ensino Médio Completo	14	11,8%
Ensino Superior Incompleto	20	16,8%
Ensino Superior Completo	42	35,3%
Pós-graduação Completo	32	26,9%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



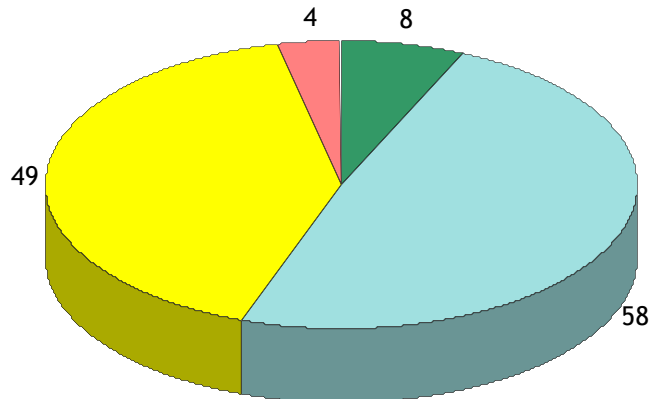
**Figura 10 - Grau de escolaridade**

Verificou-se que o grau de escolaridade dos pais dos entrevistados é bastante alto, visto que 26,9% têm pós-graduação completo e 35,3% ensino superior completo, evidenciando que eles vêm de lares onde o nível de educação é significativo.

### 6.1.1 Perguntas sobre o tema da pesquisa aos entrevistados

A figura 11 mostra como os entrevistados se sentem em relação aos conhecimentos que possuem para gerir o seu dinheiro:

Nada seguro - eu gostaria de possuir um nível muito melhor de educação financeira.	8	6,7%
Não muito seguro - gostaria de saber um pouco mais sobre finanças.	58	48,7%
Razoavelmente seguro - conheço a maioria das coisas que eu precisaria saber sobre o assunto.	49	41,2%
Muito seguro - possuo conhecimentos bastante amplos sobre finanças.	4	3,4%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



**Figura 11 - Como se sentem em relação aos conhecimentos**

É interessante notar que muitas das pessoas entrevistadas, mesmo estando apenas ingressando na faculdade, já se sentem razoavelmente seguras ou muito seguras em relação aos seus conhecimentos para gerir seu dinheiro, representam 44,6% dos entrevistados, ou seja, com o que aprendeu até agora poderiam levar uma sua vida financeira adiante sem maiores problemas, enquanto 55,4% não se sentem nada seguro ou não muito seguros em relação ao que sabem para gerenciar o seu dinheiro. Portanto a maioria das pessoas gostaria de saber mais, isto é, ter mais educação financeira.

A figura 12 mostra como as pessoas ordenariam, em ordem de importância, as fontes do que sabem até agora sobre Finanças:

Origem conhecimento	Freq. (ordem 1)	%	Freq. (ordem 2)	%	Freq. (ordem 3)	%	Freq. (ordem 4)	%	Freq. (ordem 5)	%	Freq. (soma)	%
Em casa com a família.	77	64,7%	24	20,2%	10	8,4%	6	5,0%	2	1,7%	119 (4,41)	100%
De conversas com amigos	3	2,5%	22	18,5%	36	30,3%	45	37,8%	13	10,9%	119 (2,64)	100%
Tive aulas sobre isso no colégio onde estudei.	3	2,5%	4	3,4%	7	5,9%	24	20,2%	81	68,1%	119 (1,52)	100%
De revistas, livros, TV e rádio.	9	7,6%	24	20,2%	35	29,4%	36	30,3%	15	12,6%	119 (2,80)	100%
De minha experiência prática.	27	22,7%	45	37,8%	31	26,1%	8	6,7%	8	6,7%	119 (3,63)	100%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>119</b>		<b>119</b>		<b>119</b>		<b>119</b>		<b>119</b>		<b>119</b>	

**Figura 12 - Fontes de conhecimento**

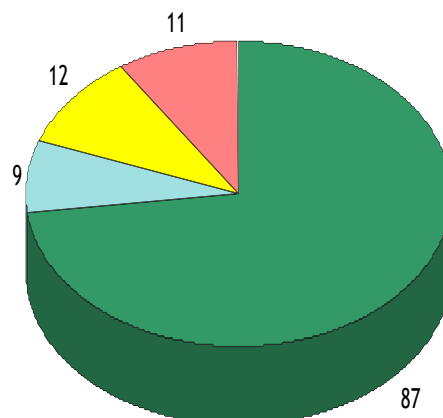


Conforme o quadro acima verifica-se que é em casa com a família onde mais se aprende sobre educação financeira segundo as respostas dos entrevistados. Em segundo lugar vem a experiência prática a qual a pessoa já teve em sua vida. Em terceiro lugar, de revistas, livros, televisão e rádio. Em quarto lugar, de conversas com amigos e em último lugar, do colégio onde estudou.

Esta é uma informação importante, uma vez que o debate em relação a este tema no país está bem forte. Cássia D'Aquino (2008) esclarece que o modo como cada um de nós lida com o dinheiro costuma ser fixado até por volta dos cinco, seis anos de idade, sobretudo com a observação de como os pais lidam com esse assunto, o que não minimiza a importância do papel da escola. Logo depois, D'Aquino (2008) completa explicando qual a importância da Educação Financeira nas escolas: além de desenvolver um modo sustentável, responsável e ético na relação com o dinheiro, a educação financeira prepara para desafios muito específicos ao tempo que vivemos.

A figura 13 mostra como as pessoas acompanham ou não acompanham as suas despesas e planejam o curto e o longo prazo:

Eu sei quanto eu ganho e sei, mais ou menos, no que eu gasto, por isso dificilmente perco o controle.	87	73,1%
Pelo extrato do banco consigo visualizar onde pus meu dinheiro e o futuro só Deus sabe o que pode acontecer.	9	7,6%
Mantenho uma planilha/software para controlar para onde meus recursos estão indo, de forma que consigo também planejar meus gastos futuros.	12	10,1%
Não acompanho, pois não acho necessário por motivos diversos.	11	9,2%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



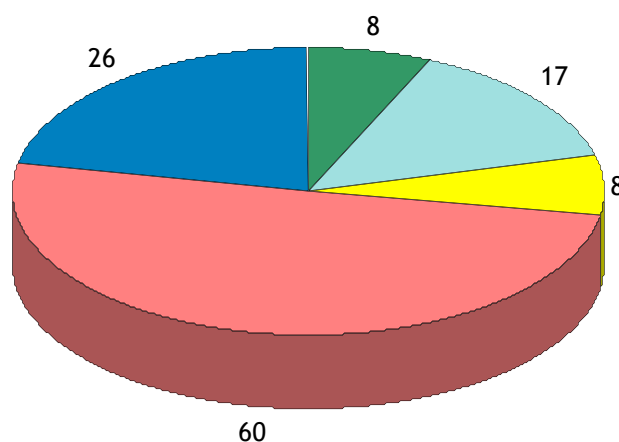
**Figura 13 - Como acompanham as despesas**

Verifica-se nas respostas dos entrevistados que 73,1% deles controlam suas despesas “de cabeça” arriscando perder o controle facilmente, apesar de declararem que dificilmente perdem o controle. 9,2% não acham importante acompanhar os gastos, 7,6% controlam pelo extrato, ou seja, onde já gastou o dinheiro e não se preocupam com o futuro e, por último, somente 10,1% mantêm uma planilha/software com o qual podem acompanhar para onde seus recursos estão indo e onde os alocarão no futuro.

Cerbasi (2009) explica que o ideal é ter conhecimento detalhado de seus gastos mensais e agir sobre essa informação. Completa dizendo que a forma mais simples de conseguir isso é lançar os gastos em uma planilha de orçamento doméstico, comparar esses gastos com o de outros meses e refletir sobre suas prioridades de consumo.

A figura 14 mostra as respostas da seguinte situação hipotética: se uma pessoa precisa de dinheiro com urgência, qual das formas é a menos eficiente para se transformar em dinheiro:

Poupança	8	6,7%
Ações ou Dólar	17	14,3%
Conta-corrente	8	6,7%
Bens (carro, moto, imóvel...)	60	50,4%
Fundo de Investimento	26	21,8%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>

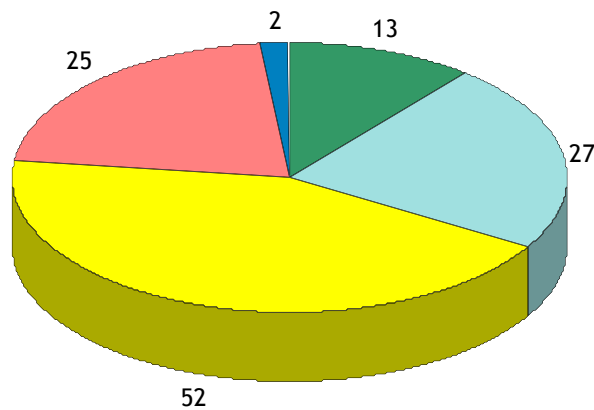


**Figura 14 - Liquidez**

Essa questão procurou testar o conhecimento dos entrevistados em relação ao conceito de liquidez. Debastiani (2008) explica que um ativo é tanto mais líquido quanto mais fácil for transformá-lo em dinheiro vivo, ou seja, a liquidez pode ser entendida como a medida de interesse que o mercado tem em negociar esse ativo. Portanto metade dos entrevistados, 50,4%, responderam corretamente, pois vender um bem como um carro ou um imóvel pode demorar até meses para efetivar o negócio.

A figura 15 mostra como os entrevistados responderam em relação a opções de investimento e aversão ao risco.

Ações, pois me agrada a possibilidade de ter altos ganhos, mesmo sabendo do risco elevado de perdas.	13	10,9%
Fundos de investimento de risco médio, pois quero um rendimento razoável, ainda que com algum risco.	27	22,7%
Poupança, pois priorizo a segurança em relação ao rendimento.	52	43,7%
Bens (imóveis, terrenos...), pois a segurança para mim é a coisa mais importante.	25	21,0%
Não sei qual a diferença entre os tipos de aplicação.	2	1,7%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



**Figura 15 - Risco e preferências de investimento**

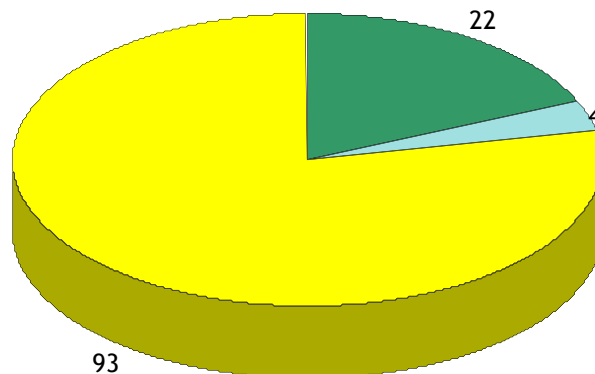
Apreende-se das respostas dos entrevistados que 43,7% deles têm preferência pela Poupança e 21% por bens como imóveis e terrenos. Esse resultado confirma o que diversas pesquisas de mercado apontam: o brasileiro é conservador por natureza, por isso se destacam a poupança e os imóveis como preferência.

Observa-se, no entanto, um resultado expressivo para os fundos de investimento, 22,7%. Realmente não é de se espantar, uma vez que a taxa de juros no país é alta, o mercado de capitais, apesar de estar crescendo bastante, ainda é

pequeno em relação a países desenvolvidos. Segundo Camba (2004), o brasileiro investe não no que considera mais rentável, mas no que lhe parece acessível e seguro. É preciso levar em consideração também que a rapidez com que a aplicação pode ser transformada em dinheiro, ou seja, sua liquidez influencia na escolha do tipo de investimento.

A figura 16 mostra como os entrevistados respondem à seguinte situação hipotética: Pedro e Camila têm a mesma idade. Aos 25 anos, ela começou a aplicar R\$ 1.000 por ano. Aos 50, Pedro começou a aplicar R\$ 2.000 por ano e Camila continuou com seus R\$ 1.000 anuais. Hoje eles têm 75 anos. Quem acumulou mais, se fizeram o mesmo investimento?

Eles teriam o mesmo valor, já que na prática guardaram as mesmas somas.	22	18,5%
Pedro, porque poupou mais a cada ano.	4	3,4%
Camila, porque seu dinheiro rendeu por mais tempo a juros compostos.	93	78,2%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



**Figura 16 - Juros compostos**

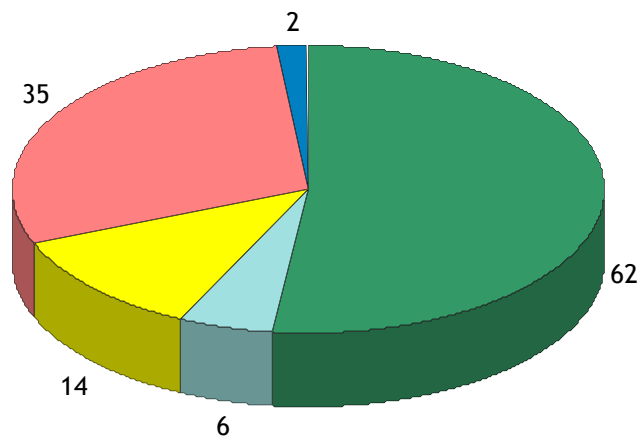
Na situação criada, contrariamente à expectativa do autor, a maioria dos entrevistados, ou seja, 78,2%, respondeu corretamente. A questão procurou saber qual o conhecimento os entrevistados tinham sobre juros compostos e principalmente a importância do tempo no rendimento de qualquer que seja a aplicação.

Conforme Cerbasi (2004), tempo e dinheiro são elementos básicos da renda. Quanto mais a pessoa tem um deles, menos precisará do outro. Por isso a importância de começar a investir ainda jovem, pois além de ter pela frente muito

tempo de vida, o jovem pode também arriscar mais, pois caso venha a perder dinheiro, ainda não tem um grande patrimônio para manter e ainda terá a vantagem de ter tempo para se recuperar financeiramente, diferentemente da realidade de pessoas mais velhas, as quais normalmente têm família para sustentar, grandes patrimônios e pouco tempo de vida pela frente, o que faz com os investimentos tendam a ser mais conservadores e rendam menos.

A figura 17 mostra qual a situação dos entrevistados em relação à sua aposentadoria:

Não me preocupei com isso ainda.	62	52,1%
Pretendo ter apenas a aposentadoria do governo.	6	5,0%
Faço um plano de previdência/poupança própria para aposentadoria.	14	11,8%
Tenho planos de começar a poupar para isso.	35	29,4%
Não vejo necessidade de poupar para minha aposentadoria.	2	1,7%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



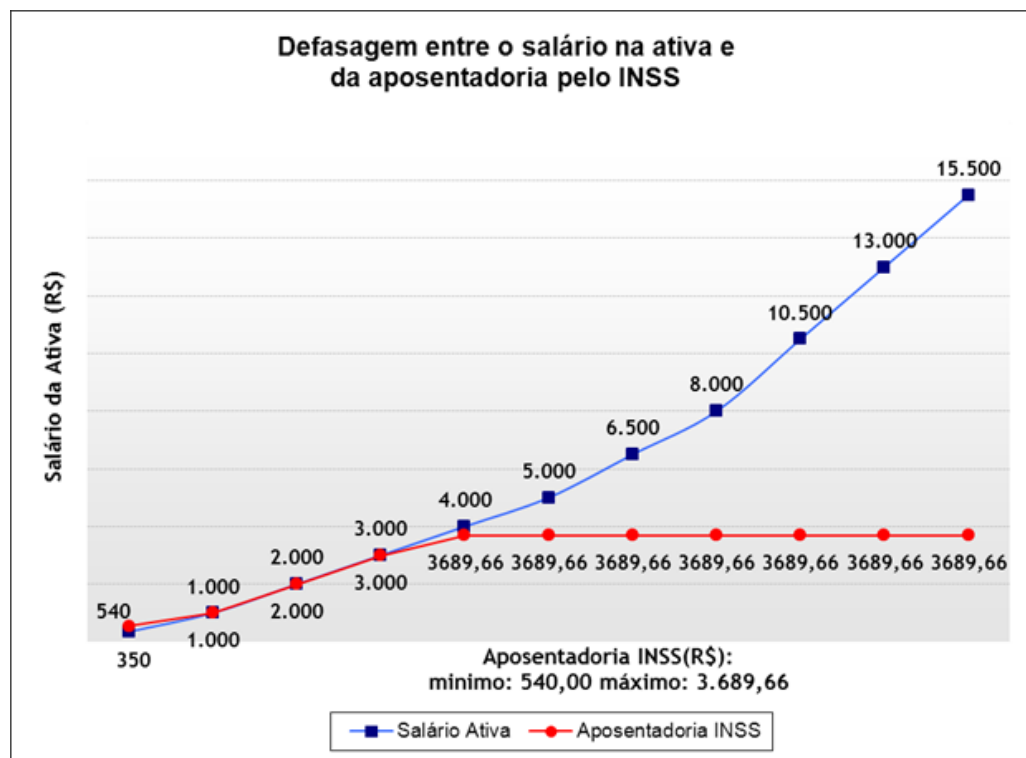
**Figura 17 - Aposentadoria**

Fica claro, a partir das respostas, que a aposentadoria não é uma preocupação dos jovens entrevistados, pois somente 11,8% deles têm um plano de previdência/poupança. Talvez nunca tenham ouvido falar sobre o assunto e nem saibam como funciona a Previdência no Brasil. Como relatado na questão anterior, o tempo é fator de extrema importância nos investimentos e, levando isso em consideração, o ideal seria ir pensando na aposentadoria desde já. Há autores que

defendem que o melhor é pensar em independência financeira, uma vez que o termo aposentadoria remete a ficar parado e não trabalhar mais.

Previdência Complementar é o patrimônio que irá garantir uma vida digna a partir do momento que não houver mais renda do trabalho<sup>8</sup>. Esse patrimônio deverá proporcionar a renda que substituirá o salário e deverá ser suficiente para a manutenção do padrão de vida do indivíduo ou da sua família, complementando os recursos da aposentadoria do INSS<sup>9</sup>.

É interessante perceber claramente o quanto se perde aposentando-se somente pelo INSS, como representado na figura abaixo:



**Figura 18 - Salário na Ativa Vs. Aposentadoria**

Fonte: Financenter.com.br

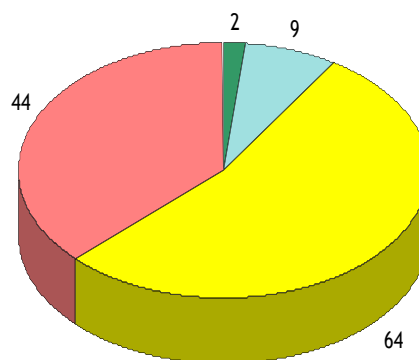
<sup>8</sup> Financenter.com.br. Previdência Complementar – você precisa. Disponível em <[http://www.financenter.com.br/index.cfm/Fuseaction/Secao/Id\\_Secao/22](http://www.financenter.com.br/index.cfm/Fuseaction/Secao/Id_Secao/22)> Acesso em: 24, maio 2011.

<sup>9</sup> Instituto Nacional do Seguro Social. É uma instituição pública que tem como objetivo reconhecer e conceder direitos aos seus segurados. A renda transferida pela Previdência Social é utilizada para substituir a renda do trabalhador contribuinte, quando ele perde a capacidade de trabalho, seja pela doença, invalidez, idade avançada, morte e desemprego involuntário, ou mesmo a maternidade e a reclusão.

Portanto, se a pessoa recebe até R\$ 3.689,66 pode até valer a pena, contudo, se receber qualquer quantia acima disso deverá obrigatoriamente diminuir seu padrão de vida depois que se aposentar.

A figura 19 mostra como os entrevistados reagiriam na seguinte situação hipotética: Se você entra em uma loja pela primeira vez e encontra um tênis/sapato, enfim, um produto que acha realmente muito bonito e que acredita que fica perfeito em você. Qual é a sua reação?

Compro na hora, pois afinal, fica perfeito em mim e amanhã ou depois a coleção já pode ser outra e não encontrarei mais aquele produto.	2	1,7%
Compro na hora, mas pechincho ao vendedor para tentar baixar um pouco o preço ou aumentar o número de parcelas para pagar.	9	7,6%
Controlo meu entusiasmo, pesquiso o preço daquele produto em outras lojas e se, depois de dois dias, ainda achar que devo adquirir o produto, compro-o.	64	53,8%
Faço os cálculos de cabeça mais ou menos. Se acho que tenho dinheiro para comprar o produto, compro na hora.	44	37,0%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



**Figura 19 - Consumo**

À situação hipotética, um pouco mais da metade dos entrevistados, 53,8%, respondeu que controlaria o entusiasmo, pesquisaria o preço daquele produto e se depois de dois dias ainda achar necessário compraria, o que é um bom sinal, apesar de representar somente metade das respostas. A outra metade faria os cálculos de cabeça, o que é arriscado, pois no momento a pessoa quer muito o produto e estará propensa a achar que tem dinheiro mesmo tendo, ou comprará na hora mesmo se tiver que parcelar.

A situação criada para os entrevistados responderem demonstra a realidade que se apresenta todos os dias para todos e que pode levar a um endividamento

financeiro grave. Tolotti (2007) explica que o endividamento financeiro pode ser consequência do chamado endividamento afetivo. Devedores de uma imagem melhor, de um corpo perfeito, de uma inteligência maior ou de uma dedicação mais intensa aos filhos, as pessoas consomem produtos na tentação de suprir uma falta que angustia, porque nunca é totalmente preenchida. Depois dessa explicação, fica a pergunta: como lidar com isso, com uma sociedade que exige e promove tão fortemente o consumo? Tolotti (2007) mesmo responde: aumentando o conhecimento na área financeira, a capacidade crítica frente ao consumo e a análise dos afetos que interferem nas decisões.

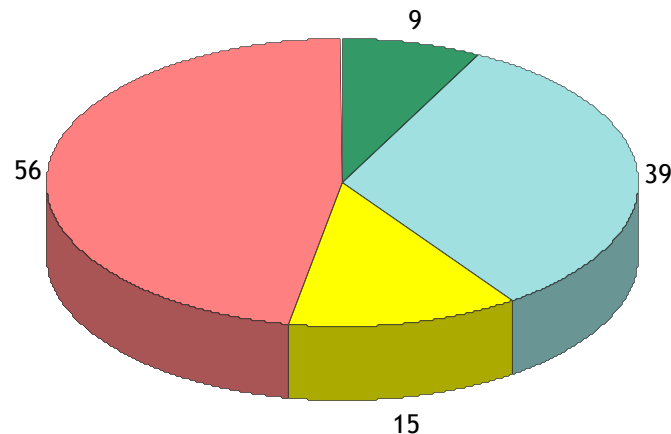
Cerbasi (2009) dá algumas sugestões para saber consumir da forma mais saudável possível como adotar o hábito de fazer uma relação dos itens que deseja comprar antes de sair às compras; não sair de casa sem saber a verba disponível para o consumo pretendido; ir ao supermercado sem fome ou à loja de roupas, mas olhar o guarda-roupa antes para evitar comprar itens que já tem e pesquisar sempre os preços.

É interessante perceber que no consumo também é importante planejar. Isso envolve desejar algo, estudar os caminhos para viabilizar aquele desejo, escolher o melhor caminho estudado e agir. O importante não é deixar de consumir, mas consumir de forma consciente e racional, a fim de se manter longe de dívidas desnecessárias.

A figura 20 mostra as respostas dos entrevistados quando questionados se já participaram de alguma ação voluntária de doação a outras pessoas:



Não. Nunca me identifiquei com esse tipo de iniciativa.	9	7,6%
Não, mas gostaria de fazer alguma coisa por quem precisa.	39	32,8%
Sim, ajudei - ou ajudo - financeiramente uma instituição.	15	12,6%
Sim, participei - ou participo - de ações voluntárias.	56	47,1%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



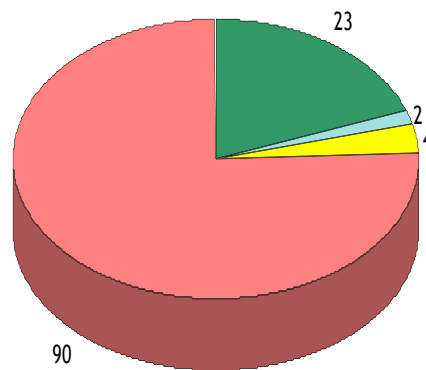
**Figura 20 - Doação**

Das 119 pessoas entrevistadas, somente 9, ou seja, 7,6%, não se identifica com esse tipo de iniciativa, enquanto 92,4% gostariam de fazer algo pelos necessitados ou já faz, mesmo que só financeiramente. A solidariedade é algo sempre presente quando está se tratando com pessoas. Pode-se pensar que Educação Financeira serve somente para acumular dinheiro, mas é muito mais que isso.

A doação faz parte de todos nós e é fundamental que aprendamos ajudar também aqueles que precisam, no entanto é preciso atenção. Cerbasi (2009) chama a atenção dizendo para evitar o problema de se doar financeiramente antes de alcançar uma estabilidade que sustente essa ação: “recomendo que a doação em termos financeiros só seja praticada quando você ou sua família desfrutem um considerável grau de segurança, tendo constituído, ao menos, reserva equivalente”. E depois completa: “uma vez decidido a doar, que o faça sempre, como um compromisso pessoal, e não de forma aleatória e inconsistente.”

A figura 21 mostra como os entrevistados responderam quanto à seguinte questão: Entre duas pessoas que gastam a mesma quantia por ano nos seus cartões de crédito, quem pagaria mais em despesas financeiras por ano?

A pessoa que sempre paga todo o saldo do cartão de crédito no vencimento.	23	19,3%
A pessoa que geralmente paga todo o saldo do cartão de crédito no vencimento, mas ocasionalmente paga só o mínimo quando está sem dinheiro.	2	1,7%
A pessoa que paga pelo menos o mínimo todo mês e um pouco mais quando tem alguma folga.	4	3,4%
A pessoa que paga sempre só o mínimo.	90	75,6%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



**Figura 21 - Despesas financeiras**

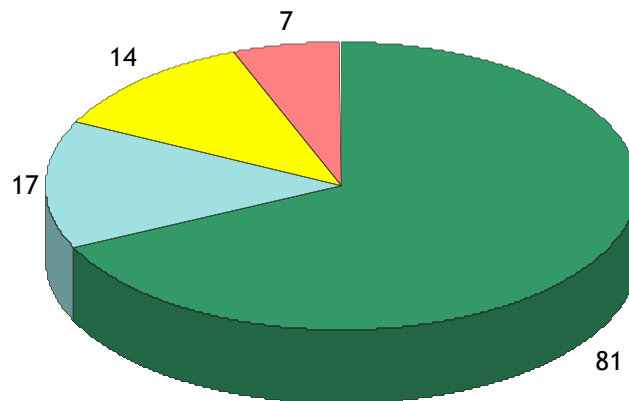
Como pode ser observado, 75,6% dos entrevistados responderam corretamente, ou seja, a pessoa que paga sempre só o mínimo gasta mais em despesas financeiras por ano. Essa é uma armadilha que se tem que evitar sempre, se possível.

As taxas de juros cobradas pelas instituições que oferecem esse serviço giram em torno de 10% ao mês, o que pode gerar um sério endividamento por parte de quem não sabe disso. Conforme a pesquisa, 24,4% dos entrevistados não souberam responder à pergunta. Um empréstimo na mesma instituição financeira na maioria das vezes sai mais barato, no entanto a facilidade e comodidade fazem com que as pessoas desinformadas sobre isso paguem somente o mínimo criando um efeito “bola de neve” de dívidas uma vez que os juros incorrerão sobre os juros e assim a cada mês que passar.

Para reduzir o endividamento dos consumidores, o Banco Central fixou em 15% o valor mínimo para a fatura dos cartões de crédito. E para o final do ano de 2011, o mínimo passará a 20%<sup>10</sup>.

A figura 22 mostra como o entrevistado agiria na mesma situação da pergunta anterior:

Penso que minha atitude seria mais parecida com a pessoa da letra "a".	81	68,1%
Penso que minha atitude seria mais parecida com a pessoa da letra "b".	17	14,3%
Penso que minha atitude seria mais parecida com a pessoa da letra "c".	14	11,8%
Penso que minha atitude seria mais parecida com a pessoa da letra "d".	7	5,9%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



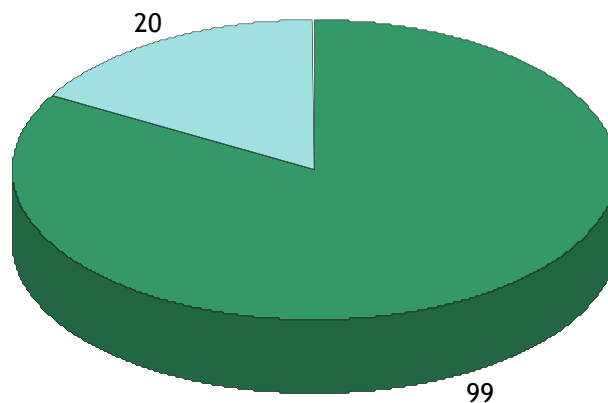
**Figura 22 - Despesas financeiras - caso pessoal**

Verifica-se que 68,1% dos entrevistados agiriam como a pessoa da opção número 1 da questão anterior. Isso quer dizer que a maioria dos entrevistados pagaria toda a fatura do cartão de crédito na data de vencimento. No entanto, 31,9% dos entrevistados não pagariam toda a fatura, sendo que desses 5,9% pagariam somente o mínimo. Apesar de representarem a minoria na amostra, ainda é um número considerável, visto que as taxas de juros pra quem não paga a fatura ou paga somente o mínimo são as maiores praticadas no mercado, podendo a levar a um endividamento grave se não for levado a sério.

<sup>10</sup> Cartilha Cartão de Crédito do Banco Central. Disponível em <http://www.bcb.gov.br/pec/appron/apres/cartilha.pdf> Acesso em 24/05/2011.

A figura 23 mostra como os entrevistados responderam à seguinte pergunta: João e Ricardo são jovens que têm o mesmo salário. Ambos compraram um carro no valor de R\$ 20.000,00. Quem pagou mais pelo bem?

João, que comprou hoje, financiando o saldo devedor por 24 meses.	99	83,2%
Ricardo, que preferiu poupar por 15 meses, mas comprou o carro à vista.	20	16,8%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>

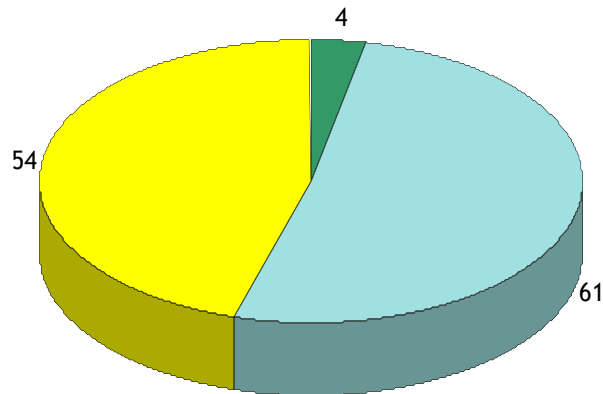


**Figura 23 - Custo do dinheiro**

Nota-se que 83,2% dos entrevistados responderam corretamente. A pergunta acima procurou saber se o entrevistado sabe que ao realizar um financiamento, o estabelecimento está emprestando dinheiro para que ele possa usufruir o bem agora em troca de um pagamento de juros, afinal o dinheiro também custa. Ao final da última prestação, a pessoa terá pagado o valor do automóvel mais os juros, enquanto quem comprou a vista, além de ter se planejado, outro aspecto importante da educação financeira, pode talvez ter pagado até menos que o valor pedido pelo carro, uma vez que com o montante em mãos, o poder de barganha é muito maior. A consequência disso é que o poder de aquisição da pessoa aumenta, pois desembolsa menos para possuir o mesmo bem de quem comprou a prazo.

A figura 24 coloca a mesma situação em jogo, porém pergunta como o entrevistado agiria nesta situação:

Ter o carro imediatamente e pagar por ele durante 24 meses, como fez João.	4	3,4%
Poupar por 15 meses para comprá-lo à vista, sem dívida, como fez Ricardo.	61	51,3%
Ficar no meio termo, guardando dinheiro por uns 8 meses e financiando o resto em 8 prestações.	54	45,4%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



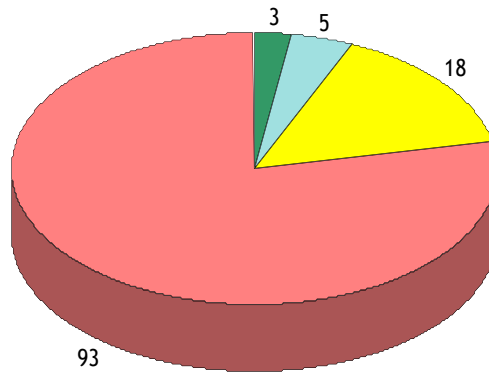
**Figura 24 - Custo do dinheiro - caso pessoal**

Apreende-se das respostas dos entrevistados que eles foram bastante realistas. 51,3% disseram que poupariam por 15 meses e comprariam o carro a vista, 45,4% ficariam no meio termo dando uma boa entrada e parcelando o resto e, por último, somente 3,4% teriam o carro imediatamente e pagariam durante 24 meses.

O valor de um carro é muito caro no Brasil, por isso é difícil a população ter recurso suficiente para comprar um modelo a vista, mesmo sendo a melhor opção, como qualquer outra compra que realizemos. Por isso, entre os consultores financeiros, admite-se que uma parte do preço total do veículo seja financiado, afinal locomover-se é muito importante para trabalhar, estudar, enfim, chegar ao destino desejado. Contudo, é importante que o valor da entrada faça com que as parcelas não ultrapassem os vinte e quatro meses, a fim de que não se pague excessivamente juros.

A figura 25 mostra como os entrevistados responderam à pergunta: você tem algum tipo de dívida?

Sim, tenho, mas trata-se de financiamento de longo prazo, cuja prestação eu sempre procuro pagar em dia.	3	2,5%
Sim, tenho, mas não sei bem quando nem como irei pagá-las.	5	4,2%
Sim, mas vou pagá-las em pouco tempo, já que tomei o cuidado de calcular na ponta do lápis como e quando iria quitá-las.	18	15,1%
Não, não tenho dívidas pessoais. Sempre faço o planejamento necessário para comprar à vista e com desconto.	93	78,2%
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100,0%</b>



**Figura 25 - Dívida**

Observa-se que 78,2% dos entrevistados dizem não ter dívidas, pois fazem o planejamento necessário para comprar o bem a vista. 15,1% têm dívidas, mas que serão quitadas em pouco tempo. E 6,7% da amostra têm, mas não sabe quando nem como irão pagá-las ou é um financiamento de longo prazo.

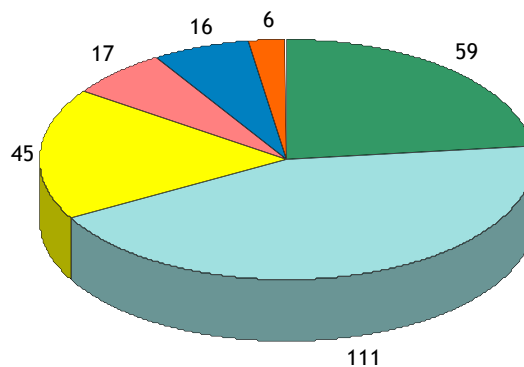
O resultado da pesquisa é positivo visto que vai de encontro com o que informa Tolotti (2007): jovens até vinte e um anos representam 6% das pessoas que estão no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). As pesquisas ainda mostram que 94% dos jovens que adquirem roupas estão preocupados com as marcas da moda e escolhem as lojas pela qualidade, e não pelo preço.

O motivo pelo qual as pessoas chegam ao endividamento é bastante complexo e é importante que todos saibam que estar endividado é estar limitado em suas ações, portanto o contrário da promessa de liberdade que pregam as propagandas de produtos diversos, é não poder sair de casa, participar de festas, viajar ou mesmo frequentar algum curso.

O resultado da pesquisa, portanto, se revelou encorajador, visto que poucos têm dívidas.

A figura 26 mostra como os entrevistados alocam seus recursos (poderia ser assinalada mais de uma alternativa):

Despesas Gerais (alimentação, água, luz, telefone, moradia, plano de saúde, etc.).	59	23,2%
Despesas Pessoais (lazer, vestuário, etc.)	111	43,7%
Poupança e Investimento	45	17,7%
Financiamento e prestações de bens que comprei	17	6,7%
Complemento do orçamento familiar (se você não é a principal fonte de renda, mas ainda assim ajuda em casa)	16	6,3%
Outros. Cite:	6	2,4%
<b>Total</b>	<b>254</b>	<b>100,0%</b>



**Figura 26 - Alocação dos recursos**

Esta pergunta foi feita com o intuito de saber se os entrevistados têm o hábito de poupar e investir mais do que quaisquer outros motivos. Percebe-se, observando as respostas, que apenas 17,7% das respostas foram destinadas para poupança e investimento.

No Brasil, a cultura de investimento ainda é incipiente, mas vem crescendo a cada ano com o apoio do governo, da BVM&F Bovespa e de várias instituições, mas ainda está longe de países desenvolvidos como os Estados Unidos, onde o volume de capital investido na Bolsa de Valores, por exemplo, é mais de dez vezes maior que o aplicado na Bolsa de Valores brasileira. Rafael Bastos, especialista na área financeira, da XP Investimentos, explica que no final de 2008, o total de pessoas físicas cadastradas na BVM&F Bovespa ficou em torno de 560 mil, o que corresponde a aproximadamente 0,3% da população brasileira. Comparando com os Estados Unidos vê-se que lá aproximadamente 18% da população investe

diretamente. E se forem incluídos os que investem indiretamente, a porcentagem vai para 60% da população estadunidense<sup>11</sup>.

Importante ressaltar também que poupar não é investir, mesmo que essa afirmação pareça óbvia, pois quem poupa não necessariamente enriquece. Investir é multiplicar as reservas financeiras que cada um possui e poupar é o primeiro passo para se chegar à prosperidade financeira.

## 6.2 ANÁLISE BIVARIADA

A análise das variáveis já realizada é a mais significativa desta pesquisa considerando que cada pergunta foi feita com independência uma da outra e abordavam assuntos diversos dentro do universo da educação financeira. Além disso, o público-alvo desta pesquisa é bastante específico fazendo com que o perfil de pessoas entrevistadas varie muito pouco ou nada, como também já analisado anteriormente.

Mesmo assim, algumas análises cruzadas merecem ser feitas. Conforme Malhotra (2001), uma vantagem dessa técnica é que ela permite que o pesquisador examine as interações entre os fatores. Ocorrem interações quando os efeitos de um fator sobre a variável dependente têm relação com o nível (categoria) dos outros fatores.

A tabela 1 mostra a comparação entre curso versus alocação de recursos:

---

<sup>11</sup> Revista Premier Business. Quem Tem Medo. Disponível em <<http://www.revistapremierbusiness.com.br/site/Post/Post.aspx?id=1166&CategoryId=376>> Acesso em: 24/05/2011.



**Tabela 1 - Curso X Alocação de Recursos**

<b>Valores</b>	Despesas Gerais (alimentação, água, luz, telefone, moradia, plano de saúde, etc.).	Despesas Pessoais (lazer, vestuário, etc.)	Poupança e Investimento	Financiamento e prestações de bens que comprei	Complemento do orçamento familiar (se você não é a principal fonte de renda, mas ainda assim ajuda em casa)	Outros. Cite:	<b>TOTAL</b>
Administração	16	35	17	4	2	1	<b>75</b>
Arquitetura e Urbanismo	15	24	11	2	1	0	<b>53</b>
Pedagogia	13	19	5	4	8	3	<b>52</b>
Psicologia	7	17	7	3	1	0	<b>35</b>
Publicidade e Propaganda	8	16	5	4	4	2	<b>39</b>
<b>TOTAL</b>	<b>59</b>	<b>111</b>	<b>45</b>	<b>17</b>	<b>16</b>	<b>6</b>	<b>254</b>

Observando o quadro, percebe-se que não houve diferenças significativas quanto à alocação de recursos entre os cursos onde foi aplicada a pesquisa. Em todos os cursos, a maior parte dos recursos é destinada a despesas pessoais com lazer, vestuário, etc. Proporcionalmente o que se nota é que no curso de pedagogia poupa-se e investe-se menos, pois somente 9% das pessoas assinalaram essa opção enquanto os outros cursos ficam em torno dos 20% nesse quesito.

O que pode impactar esses dados pode ser o fato de os entrevistados serem jovens na sua maioria com idade até vinte anos, os quais têm suas necessidades básicas supridas por seus pais ou responsáveis enquanto o lazer é pago por eles mesmos utilizando sua mesada ou bolsa de estágio.

A tabela 2 compara o curso com o nível de segurança dos entrevistados em relação à educação financeira.

**Tabela 2 - Curso X Segurança em relação aos conhecimentos**

<b>Valores</b>	Nada seguro - eu gostaria de possuir um nível muito melhor de educação financeira.	Não muito seguro - gostaria de saber um pouco mais sobre finanças.	Razoavelmente seguro - conheço a maioria das coisas que eu precisaria saber sobre o assunto.	Muito seguro - possuo conhecimentos bastante amplos sobre finanças.	<b>TOTAL</b>
Administração	2	14	18	2	<b>36</b>
Arquitetura e Urbanismo	1	13	10	1	<b>25</b>
Pedagogia	3	10	8	1	<b>22</b>
Psicologia	2	9	7	0	<b>18</b>
Publicidade e Propaganda	0	12	6	0	<b>18</b>
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>58</b>	<b>49</b>	<b>4</b>	<b>119</b>

Verifica-se, com a observação do quadro comparativo, que apenas no curso de Administração houve mais pessoas que responderam dizendo que se sentem razoavelmente seguras, que conhecem a maioria das coisas que precisaria saber sobre o assunto. No restante dos cursos a resposta mais assinalada foi “Não muito seguro”, pois gostariam de saber um pouco mais sobre finanças para administrar seus recursos.

O resultado talvez seja reflexo do conteúdo que cada curso apresenta em seus currículos. Apesar de os entrevistados estarem cursando apenas o primeiro semestre, os alunos já estão tendo disciplinas de Economia, Cálculo, que apesar de não estarem diretamente ligadas à educação financeira, passam uma certa segurança aos alunos de administração, ao passo que o currículo dos outros cursos também entrevistados disciplinas como matemática e economia não fazem dos seus currículos.

A tabela 3 compara o gênero dos entrevistados com o perfil de risco dos entrevistados:

**Tabela 3 - Gênero X Risco**

<b>Risco</b>	Ações, pois me agrada a possibilidade de ter altos ganhos, mesmo sabendo do risco elevado de perdas.	Fundos de investimento de risco médio, pois quero um rendimento razoável, ainda que com algum risco.	Poupança, pois priorizo a segurança em relação ao rendimento.	Bens (imóveis, terrenos...), pois a segurança para mim é a coisa mais importante.	Não sei qual a diferença entre os tipos de aplicação.	<b>TOTAL</b>
<b>Gênero</b>						
Masculino	6	16	16	11	0	<b>49</b>
Feminino	7	11	36	14	2	<b>70</b>
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>27</b>	<b>52</b>	<b>25</b>	<b>2</b>	<b>119</b>

A partir do quadro comparativo, nota-se que os entrevistados do sexo masculino têm um perfil mais arrojado em relação ao risco. 12,24 e 32,65% dos homens escolheram ações e fundos de investimento, respectivamente, como opção de investimento, enquanto as mulheres, 10 e 15,71% escolheram essas mesmas opções, respectivamente.

Mosca (2009) esclarece que estudos comportamentais revelam que as mulheres possuem uma postura mais cautelosa frente ao risco quando comparadas aos homens. A psicologia procura explicar esse fenômeno destacando a forma como ambos os sexos interpretam a realidade. As mulheres focalizam as ameaças de determinada situação, ao passo que os homens concentram atenção no desafio.

Também nessa linha de pesquisa, Thaler, Yu e Gneezy (2004) já haviam realizado estudos em estudantes universitários e chegaram à conclusão que as mulheres foram consistentemente mais avessas ao risco que os homens em suas alocações. Em todas as rodadas as mulheres alocaram em média 50% menos em ativos de risco que seus colegas do sexo masculino.

### 6.3 ANÁLISE GERAL

A pesquisa realizada foi aplicada em jovens na faixa etária em torno dos vinte anos com poucas exceções e, portanto, advindos da escola tradicional, do Ensino Médio. A renda pessoal predominante foi até R\$ 500,00 mensais, pois ainda estão se qualificando profissionalmente e recebem recursos dos pais para se manterem. Por conveniência, devido ao tempo e custo, a pesquisa foi realizada na própria Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por ser uma universidade de notória qualidade, com um vestibular historicamente bastante concorrido, as pessoas entrevistadas possuem um nível de conhecimentos acima da média da sociedade em geral e isso talvez reflita nos resultados aos quais a pesquisa chegou.

Foi verificado que a maioria dos jovens tem, até certo ponto, um bom conhecimento sobre o assunto, pois a maior parte respondeu corretamente às situações hipotéticas criadas para testar seus conhecimentos. Quando, na questão número 6, é colocada uma situação na qual duas pessoas aplicam o mesmo montante, porém por tempos diferentes, a maioria dos entrevistados soube responder que o tempo é fator determinante para qualquer tipo de investimento devido aos juros compostos. Depois, mais adiante, quando questionados, em outra situação hipotética, como agiriam se encontrassem um produto tentador em uma loja, mais uma vez a maioria dos entrevistados soube responder que controlaria o

entusiasmo, pesquisaria o preço do produto em outros estabelecimentos para só assim efetuar a compra. Numa época de estímulo exacerbado ao consumo é interessante saber que eles agiriam de modo correto.

Por outro lado, alguns resultados demonstraram que os jovens questionados não estão tão preparados para gerirem seus recursos de forma eficiente. Quando perguntados de que modo acompanhavam seus gastos e planejavam o curto e longo prazo, apenas 10,1% mantêm uma planilha ou software a fim de visualizar para onde os recursos estão indo e para onde devem ir. Certamente é uma iniciativa que exige um pouco mais da pessoa, pois exige a avaliação objetiva das despesas, a fixação de metas e, principalmente, muita persistência, mas é o primeiro passo para não se perder o controle e conseguir realizar o planejamento necessário para alcançar os objetivos pessoais.

Outro aspecto importante a ser ressaltado são os resultados da pergunta sobre aposentadoria. Apenas 11,8% fazem um plano de previdência/poupança própria para isso, justamente em um país onde a idade média da população aumenta a cada ano<sup>12</sup>, forçando a Previdência Social a criar soluções para que o número de trabalhadores ativos consiga “sustentar” os que estão inativos. No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, o número de pessoas inativas está ultrapassando o de pessoas ativas<sup>13</sup>. Frente a isso, é imprescindível que as pessoas, desde cedo, preocupem-se com essa situação e não dependam do governo ou de outras pessoas quando precisar. Rocha e Vergili (2008) confirmam que planejar o futuro é algo inteligente, afinal, trabalha-se uma vida inteira e todos gostariam de manter um certo padrão de vida ao chegar a uma idade avançada.

Quando questionados sobre como alocam seus recursos, poucos assinalaram a opção poupança e investimento. No Brasil, o hábito de poupar ainda não faz parte da cultura. É algo que deve ser ensinado desde cedo, devido à sua tamanha importância, pois o dinheiro não poupado pode faltar quando for necessário. Além de

---

<sup>12</sup> IBGE. Em 2030, cerca de 40% da população brasileira deverá ter entre 30 e 60 anos. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=%20132&id\\_%20pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=%20132&id_%20pagina=1)> Acesso em 26/05/2011.

<sup>13</sup> Relatório IPERGS. A crise da previdência estadual: diagnóstico e alternativa. Disponível em: <[http://www.al.rs.gov.br/download/ComEspPrevidencia\\_IPE/Relatorio\\_IPERGS3.PDF](http://www.al.rs.gov.br/download/ComEspPrevidencia_IPE/Relatorio_IPERGS3.PDF)> Acesso em 26/05/2011.

garantir tranquilidade financeira, poupar possibilita a realização de sonhos. Com hábitos de poupança e investindo adequadamente, qualquer pessoa pode aumentar seu patrimônio pessoal e familiar, aumentando as chances de alcançar seus objetivos.

Por último e não menos importante, ao analisar-se a questão número dois, a qual questiona sobre a fonte de conhecimento sobre educação financeira que os entrevistados tiveram até o momento, a resposta menos assinalada foi “no colégio onde estudei”. Esse resultado é revelador ao mesmo tempo em que é preocupante, pois evidencia que é um assunto muito pouco ou nada discutido e ensinado nas salas de aula do Brasil, apesar de todos necessitarem desse conhecimento tão básico e elementar, tanto quanto ou até mais que trigonometria e geometria analítica, por exemplo, tão ensinados em todas as escolas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto Educação Financeira vem, cada vez mais, crescendo em todos os meios da sociedade. Vemos pessoas interessadas em literatura, palestras, eventos e encontros sobre finanças pessoais. Até mesmo os bancos já lançaram cartilhas e material digital para orientação dos clientes em relação ao bom uso do dinheiro.

O principal objetivo desta pesquisa foi identificar o grau de conhecimento sobre Educação Financeira de jovens que estão ingressando na Universidade, por isso escolheu-se alunos que estavam cursando o primeiro semestre de seus cursos.

Através da pesquisa, foi possível conhecer o quanto esses jovens possuem educação financeira e estão aptos a gerirem seus recursos de forma inteligente e eficaz, com o objetivo, do ponto de vista pessoal, de ter maior controle sobre o dinheiro, maior consciência sobre suas escolhas e maior eficiência no uso da sua renda.

Os resultados sugerem que esses jovens têm um certo conhecimento sobre o assunto; no entanto, aspectos importantes como a visão do longo prazo no sentido de se preparar para a aposentadoria e ter um controle mais próximo como planilhas e softwares para acompanhar os gastos e planejar o futuro tiveram, na sua maioria, respostas no sentido oposto. Além disso, o que ficou evidente é que o conhecimento que possuem vem, sobretudo, da família e da experiência prática, ou seja, os erros se perpetuam através das gerações e com a experiência do dia-a-dia, aprende-se obrigatoriamente. O risco é que pode ser tarde demais antes de sucumbir em dívidas.

Educação Financeira é um conhecimento cuja existência não fazia muito sentido há alguns anos, quando a economia sofria com choques e mudanças de regras frequentes. Nos tempos de inflação elevada, a regra era adquirir bens e fazer estoques. Com a estabilidade econômica, o conhecimento de finanças pessoais passou a merecer alguma atenção, pois hoje é possível acumular informações nessa área sem que se tornem descartáveis daqui a alguns meses. Por isso sua importância deve ser levada em consideração já no ensino básico.

Nesse sentido, fica a sugestão para que as escolas insiram nos seus currículos, desde o ensino infantil, o ensino da Educação Financeira. Afinal, como D'Aquino (2008) explica: “o modo como a gente pensa o dinheiro foi construído por volta dos seis anos de idade”. Para corroborar a sugestão, os resultados de um projeto desenvolvido em escolas de cinco estados brasileiros, mais o Distrito Federal foram muito positivos, pois os alunos passaram a poupar mais e organizar melhor as compras<sup>14</sup>. A população do Brasil não tem ensinamentos básicos de como deve tratar o dinheiro, assim não se pode esperar que as pessoas, de uma hora para outra, saibam administrar suas finanças. Portanto a inserção desse tema nas escolas, como disciplina ou atrelada ao conteúdo de outras disciplinas, deve ser cuidadosa, levada a sério e, principalmente, começar pelas crianças. Assim, quem estiver ingressando na faculdade já saberá planejar, poupar, investir, consumir, coisas tão importantes para a vida de qualquer que seja a profissão que irá seguir.

A tranquilidade financeira não está ao alcance apenas daqueles que receberam heranças ou ganharam na loteria. Ela pode ser perseguida por todos, dentro das possibilidades de cada um, através de medidas simples, tais como a mudança nos hábitos de consumo e melhores decisões de investimento. E mais, quem poupa contribui para o desenvolvimento do país, uma vez que o dinheiro aplicado pode ser utilizado no crescimento de empresas, gerando empregos, produtos e bens, e fortalecendo a economia.

---

<sup>14</sup> UOL Educação. Educação financeira nas escolas já mostra resultados e pode ajudar a combater a inflação. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/ultnot/2011/05/09/educacao-financeira-na-escolas-ja-mostra-resultados-e-pode-ajudar-no-combate-a-inflacao.jhtm>> Acesso em: 27/05/2011.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BERNHEIM, Douglas; GARRETT, Daniel; MAKI, Dean.** Education and Saving: The Long Term Effects of High School Financial Curriculum Mandates. 1997.

**CARLIN, Bruce I. & ROBINSON, David T.** What Does Financial Literacy Training Teach Us? National Bureau of Economic Research. MA, Massachussets. 2010

**CERBASI, Gustavo.** Casais Inteligentes Enriquecem Juntos. São Paulo, 2004.

**CERBASI, Gustavo.** Como organizar sua vida financeira. São Paulo, 2009.

**CERBASI, Gustavo.** Investimentos Inteligentes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

**CHIELE, Pedro G.** Finanças Comportamentais: um estudo sobre a decisão de investimento dos jovens. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Porto Alegre, 2009.

**D'AQUINO, Cássia.** Educação Financeira: como educar seu filho. Elsevier, 2008.

**GNEEZY, U, R. THALER AND F. YU.** Information Availability and Investment Behavior mimeo, University of Chicago, 2004.

IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares. 2004.

IEGV. Pesquisa de Inadimplência entre jovens. 2010.

**KERN, Denise T. B.; MARCHI, Mirian I.; DULLIUS, Maria Madalena.** Educação Financeira: Prática em Sala de Aula. 2009.



**LOUREIRO, Ricardo.** O risco do endividamento brasileiro.

[http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2010/noticia\\_00106.htm](http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2010/noticia_00106.htm).

Acessado em: 13/11/2010.

**MACEDO, Jurandir.** Árvore do Dinheiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

**MACHADO, J. L. de Almeida.** Educação Financeira: Ensinando as Crianças a usar (e poupar) seu dinheiro.

<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=346>. Acessado em:

11/10/2010.

**MALHOTRA, Karesh.** Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**MANDELL, Lewis.** Teaching Young Dogs Old Tricks. Academy of Financial Services 2006 Annual Conference. Buffalo, NY, 2006.

**MANFREDINI, Andreza M. N.** Pais e Filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição. Mestrado em Psicologia Clínica. São Paulo. 2007.

**MOSCA, Aquiles.** Finanças Comportamentais: gerencie suas emoções e alcance sucesso nos investimentos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

**RICHARDSON, R. J.** Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. São Paulo. Atlas, 1999.

**ROESCH, Sylvia Maria Azevedo.** Projetos de Estágio do Curso de Administração: guia para pesquisas, estágios, projetos e trabalhos de conclusão. São Paulo. Atlas, 1996.

**SAVOIA, José Roberto et al.** Paradigmas da educação financeira no Brasil. Rio de Janeiro, 2007.

**TOLOTTI, Márcia.** As Armadilhas do Consumo: acabe com o endividamento. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

**TREVISAN, Ronie; de MELLO, Franciele; da SILVA, Tania Moura; CERETTA, Paulo Sérgio; VISENTINI, Monize S.** A importância da Aprendizagem de Noções de Finanças no Ensino Médio das Escolas de Santa Maria-RS. Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ. Rio de Janeiro, 2007.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA



### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA



Prezado aluno, a pesquisa a seguir tem como finalidade realizar um estudo sobre o possível impacto da Educação Financeira em alunos que estão ingressando no mundo acadêmico. O objetivo final deste estudo é a realização de um Trabalho de Conclusão do curso de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Não é preciso se identificar, é preciso somente que você seja totalmente sincero nas respostas.

**1. Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro?**

- a) Nada seguro – Eu gostaria de possuir um nível muito melhor de educação financeira.
- b) Não muito seguro – Eu gostaria de saber um pouco mais sobre finanças.
- c) Razoavelmente seguro – Eu conheço a maioria das coisas que eu precisaria saber sobre o assunto.
- d) Muito seguro – Eu possuo conhecimentos bastante amplos sobre finanças.

**2. Onde você adquiriu a maior parte dos seus conhecimentos para gerir o seu dinheiro? Preencha as lacunas por ordem decrescente de importância. (1 – mais importante, 2 – importância média-alta, 3 – importância média...).**

- Em casa com a família.
- De conversas com amigos.
- Tive aulas sobre isso no colégio onde estudei.
- De revistas, livros, TV e o rádio.
- De minha experiência prática.

**3. De que modo você acompanha as suas despesas e planeja o curto e o longo prazo?**

- a) Eu sei quanto eu ganho e sei, mais ou menos, no que eu gasto, por isso dificilmente perco o controle.
- b) Pelo extrato do banco consigo visualizar onde eu pus meu dinheiro e o futuro só Deus sabe o que pode acontecer.
- c) Mantenho uma planilha/software para controlar para onde meus recursos estão indo, de forma que eu consigo também planejar meus gastos futuros.
- d) Não acompanho, pois ainda não tenho muitos recursos para administrar. Assim que eu começar a ganhar um salário/bolsa e acumular um patrimônio, vou começar a acompanhar.
- e) Não acho necessário acompanhar meus gastos e menos ainda planejar o futuro.

**4. Muitas pessoas guardam dinheiro para despesas inesperadas. Se um casal tem guardado algum dinheiro para emergências, qual das seguintes formas seria a MENOS eficiente para o caso de eles precisarem do recurso com urgência?**

- a) Poupança
- b) Ações ou Dólar
- c) Conta-corrente
- d) Bens (Carro, moto, imóvel...)
- e) Fundos de Investimento

**5. Supondo que você tenha recursos para investir, sem um prazo definido para resgatar, com qual das alternativas abaixo mais você se identificaria como aplicador?**

- a) Ações, pois me agrada a possibilidade de ter altos ganhos, mesmo sabendo do risco elevado de perdas.

- b) Fundos de investimento de risco médio, pois quero um rendimento razoável, ainda que com algum risco.
- c) Poupança, pois priorizo a segurança em relação ao rendimento.
- d) Bens (imóveis, terrenos...), pois a segurança para mim é a coisa mais importante.
- e) Não sei qual a diferença entre os tipos de aplicação.

**6. Pedro e Camila têm a mesma idade. Aos 25 anos, ela começou a aplicar R\$ 1.000,00 por ano, enquanto Pedro não guardava nada. Aos 50, Pedro percebeu que precisava de dinheiro para sua aposentadoria e começou a aplicar R\$ 2.000,00 por ano, enquanto Camila continuou poupando seus R\$ 1.000,00. Agora eles têm 75 anos. Quem tem mais dinheiro para sua aposentadoria, se ambos fizeram o mesmo tipo de investimento?**

- a) Eles teriam o mesmo valor, já que na prática guardaram as mesmas somas.
- b) Pedro, porque poupou mais a cada ano.
- c) Camila, porque seu dinheiro rendeu por mais tempo a juros compostos.

**7. Em relação à sua aposentadoria, qual das alternativas abaixo melhor representa sua situação?**

- a) Não me preocupei com isso ainda.
- b) Pretendo ter apenas a aposentadoria do governo.
- c) Faço um plano de previdência/poupança própria para aposentadoria.
- d) Tenho planos de começar a poupar para isso.
- e) Não vejo necessidade de poupar para minha aposentadoria.

**8. Se você entra em uma loja pela primeira vez e encontra um tênis/sapato, enfim, um produto que acha realmente muito bonito e que acredita que fica perfeito em você. Qual é a sua reação?**

- a) Compro na hora, pois afinal, fica perfeito em mim e amanhã ou depois a coleção já pode ser outra e não encontrarei mais aquele produto.
- b) Compro na hora, mas pechincho ao vendedor para tentar baixar um pouco o preço ou aumentar o número de parcelas para pagar.
- c) Controlo meu entusiasmo, pesquiso o preço daquele produto em outras lojas e se, depois de dois dias, ainda achar que devo adquirir o produto, compro-o.
- d) Faço os cálculos de cabeça mais ou menos. Se acho que tenho dinheiro para comprar o produto, compro na hora.

**9. Você já participou, alguma vez, de uma ação voluntária de doação a outras pessoas?**

- a) Não. Nunca me identifiquei com esse tipo de iniciativa.
- b) Não, mas gostaria de fazer alguma coisa por quem precisa.
- c) Sim, ajudei – ou ajudo – financeiramente uma instituição.
- d) Sim, participei – ou participo – de ações voluntárias.

**10. Entre duas pessoas que gastam a mesma quantia por ano nos seus cartões de crédito, quem pagaria mais em despesas financeiras por ano?**

- a) A pessoa que sempre paga todo o saldo do cartão de crédito no vencimento.
- b) A pessoa que geralmente paga todo o saldo do cartão de crédito no vencimento, mas ocasionalmente paga só o mínimo quando está sem dinheiro.
- c) A pessoa que paga pelo menos o mínimo todo mês e um pouco mais quando tem alguma folga.
- d) A pessoa que paga sempre só o mínimo.

**11. Como você acha que agiria na mesma situação da questão 10?**

- a) Penso que minha atitude seria mais parecida com a pessoa da letra a).
- b) Penso que minha atitude seria mais parecida com a pessoa da letra b).
- c) Penso que minha atitude seria mais parecida com a pessoa da letra c).
- d) Penso que minha atitude seria mais parecida com a pessoa da letra d).

**12. João e Ricardo são jovens que têm o mesmo salário. Ambos desejam comprar um carro no valor de R\$ 20.000,00. Quem pagou mais pelo bem?**

- a) João, que comprou hoje, financiando o saldo devedor por 24 meses.  
 b) Ricardo, que preferiu poupar por 15 meses, mas comprou o carro à vista.

**13. Se você tivesse que tomar a mesma decisão, qual a melhor alternativa do seu ponto de vista?**

- a) Ter o carro imediatamente e pagar por ele durante 24 meses, como fez João, assim usufruo o bem antes mesmo de pagar por ele.  
 b) Poupar por 15 meses para comprá-lo à vista, sem dívida, como fez Ricardo.  
 c) Ficar no meio termo, guardando dinheiro por uns 8 meses e financiando o resto em 8 prestações.

**14. Você tem algum tipo de dívida (empréstimos, financiamentos, rotativo do cartão)?**

- a) Sim, tenho, mas trata-se de financiamento de longo prazo, cuja prestação eu sempre procuro pagar em dia.  
 b) Sim, tenho, mas não sei bem quando nem como irei pagá-las.  
 c) Sim, mas vou pagá-las em pouco tempo, já que tomei o cuidado de calcular na ponta do lápis como e quando iria quitá-las.  
 d) Não, não tenho dívidas pessoais. Sempre faço o planejamento necessário para comprar à vista e com desconto.

**15. Como você aloca seus recursos? Assinale as opções que achar necessário.**

- Despesas Gerais (alimentação, água, luz, telefone, moradia, plano de saúde, etc.)  
 Despesas Pessoais (lazer, vestuário, etc.)  
 Poupança e Investimento  
 Financiamento e prestações para aquisição de bens  
 Complemento do orçamento familiar (se você não é a principal fonte de renda, mas ainda assim ajuda em casa)  
 Outros. Cite:

## PERFIL

**15. Sexo**

- a) Masculino  
 b) Feminino

**16. Idade**

- a) Até 20 anos  
 b) De 21 a 30 anos  
 c) De 31 a 40 anos  
 d) Acima de 40 anos

**O que você está cursando na faculdade?**

**17. Estado Civil**

- a) Solteiro  
 b) Casado/União Estável  
 c) Separado/Divorciado  
 d) Outros

**18. Qual a sua faixa de renda mensal pessoal?**

- a) Até R\$ 500,00

- b) R\$ 500,01 até R\$ 1.000,00
- c) R\$ 1.000,01 até R\$ 1.500,00
- d) R\$ 1.500,01 até R\$ 2.500,00
- e) Acima de R\$ 2.500,00

**19. Qual a faixa de renda mensal da sua família?**

- a) Até R\$ 500,00.
- b) R\$ 500,01 até R\$ 1.000,00.
- c) R\$ 1.000,01 até R\$ 1.500,00
- d) R\$ 1.500,01 até R\$ 2.500,00
- e) R\$ 2.500,01 até R\$ 4.000,00
- f) Acima de R\$ 4.000,00

**20. Qual é a sua principal fonte de renda?**

- a) Bolsa do Estágio.
- b) Salário do Emprego de Carteira Assinada.
- c) Não trabalho ainda, mas ganho mesada.
- d) Não trabalho ainda.
- d) Outros. Cite:

**21. Assinale quais as pessoas que residem com você? Marque mais de uma resposta se for o caso.**

- Pais
- Irmão(a)(s)
- Cônjuge/Namorado(a)/Companheiro(a)
- Filhos
- Outros

**22. Qual o maior grau de escolaridade dos seus pais?**

- a) Ensino Fundamental Incompleto
- b) Ensino Fundamental Completo
- c) Ensino Médio Incompleto
- d) Ensino Médio Completo
- e) Ensino Superior Incompleto
- f) Ensino Superior Completo
- g) Pós-graduação Incompleto
- h) Pós-graduação Completo